



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**JOALYSON DA SILVA AMORIM**

**O CONFLITO SÍRIO SOB A PERSPECTIVA DO CONTROLE DE ARMAS**

**JOÃO PESSOA – PB  
2017**

**JOALYSON DA SILVA AMORIM**

**O CONFLITO SÍRIO SOB A PERSPECTIVA DO CONTROLE DE ARMAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do diploma de Bacharel.

**Orientador: Fábio Rodrigo Ferreira Nobre**

**JOÃO PESSOA – PB  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A225c Amorim, Joalyson da Silva

O conflito Sírio sob a perspectiva do controle de armas  
[manuscrito] / Joalyson da Silva Amorim. - 2017.  
81 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações  
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre,  
Departamento de Relações Internacionais".

1. Controle de armas. 2. Síria. 3.Eurasianismo. I. Título.

21. ed. CDD 363.33

JOALYSON DA SILVA AMORIM

O CONFLITO SÍRIO SOB A PERSPECTIVA DO CONTROLE DE ARMAS

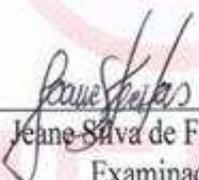
Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado(a) em 14 / 08 / 2017.



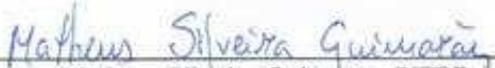
---

Fábio Rodrigo Ferreira Nobre/UEPB  
Orientador(a)



---

Jeane Silva de Freitas/UEPB  
Examinador(a)



---

Matheus Silveira Guimarães/UEPB  
Examinador(a)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a DEUS.

E a todos aqueles que sofrem

com o uso desordenado das

Armas no Mundo

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por ser durante todos esses anos minha Fortaleza, estando sempre comigo nos momentos felizes e tristes.

Dedico aos meus Pais, Joel Amorim e a Maria de Fatima, por serem minha base e possuir um amor incondicional por mim.

Dedico a minha Avó Aureliana, por ter me ensinado o caminho da luz.

Aos meus tios e tias Tania, Conceição, José e Pedro, por sempre me ajudarem nos momentos mais difíceis dessa jornada.

Agradeço a meu Irmão, Matheus, pelo simples fato dele ser quem é.

Agradeço a Thyala por ser a única à ter compreensão da Guerra que é uma Universidade.

Agradeço aos meus amados primos e primas Fabrina, Caio, Fabricio, Bianca, Jordan, Bruna, Thamyres, Tatiane e Lucas por sempre acreditarem na minha capacidade de superar obstáculos nessa longa jornada.

Dedico à Força Jovem Universal – FJU por me fazer acreditar que posso ir mais além na minha vida, e por me ensinar que o que mais importa na vida é o amor pelo próximo. Ao meu projeto que amo muito, Universitário, por me ensinar que o amor também pode ser transmitido através de sorrisos, ensino e superação.

Aos meus amigos de Fé, Luiz Julio, Gabriel, Thaisa, Françoise, Milleny, Gabriel Maik, Maria, Fabio, Wallacy por transformarem meus sábados a tarde nos melhores da minha vida.

Dedico ao meus amigos da Escola Luiz Ramalho que levo pra sempre, desde o dia que resolvi fazer Relações Internacionais em conversas de grupos.

Aos meus amigos do MEJ, PB Júnior e a Dignata Jr. por me fazer desenvolver o meu espírito Empreendedor.

Aos meus colegas de classe Jeronimo, Karoll, Fernanda, Neto, Maysa, Elcimar, Erica, Rayana, Luciana, Gerlane, Edilson.

Agradeço aos professores Fabio Nobre e Paulo Kuhlmann (Mancada Obom) pelo o apoio e paciência para entender o que nem eu entendia, Obrigado Professores.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram diretamente e indiretamente nessa jornada acadêmica que termina com a apresentação dessa pesquisa.

## EPÍGRAFE

"A diplomacia sem as armas é como a música sem os instrumentos."  
( Otto von Bismarck )

## **RESUMO**

A presente pesquisa, intitulada – **Conflito Sírio sob a perspectiva do Controle de Armas** – tem como objetivo discutir a relevância das armas no Sistema Internacional, trazendo a discussão acerca do controle de armas convencionais nas Relações Internacionais. Busca-se trazer o debate das armas para o âmbito da ONU, através da Assembleia Geral e o Conselho de Segurança, que tem se caracterizado como os principais locais de discussão para a formação de acordos, tratados e embargos no campo das armas convencionais, visando assim evitar a disseminação desse tipo de arma no mundo. No entanto, alguns acordos no campo das armas convencionais não tem tido êxito devido ao lucro e ao interesse que esse comércio tem para as grandes potências. Na pesquisa busca-se mostrar como a Rússia tem se caracterizado como o principal exportador de armas para o Governo de Bashar Al Assad e quais os interesses da relação entre Moscou-Damasco. A pesquisa centra-se no Conflito Civil Sírio e o envolvimento de grandes potências, tanto regionais como extras regionais, com relação ao envio de armamento que faz com que o conflito perdure por mais tempo. Estimulado por esse cenário procura-se basear o conflito de acordo com teorias realistas e o Eurasianismo, Teoria/Filosofia geopolítica específica que defende a manutenção pela Rússia de uma zona anti-hegemônica na região pan-eurasiana onde se localiza a Síria.

**PALAVRAS-CHAVES:** Controle de Armas; Síria; Eurasianismo; ONU.

## **ABSTRACT**

The present research, entitled - **Syrian Conflict from the perspective of Arms Control** - aims to discuss the relevance of weapons in the International System, bringing the discussion about the control of conventional weapons in International Relations. It seeks to bring the arms debate to the UN, through the General Assembly and the Security Council, which has been characterized as the main places of discussion for the formation of agreements, treaties and embargoes in the field of conventional arms, in order to avoid the spread of this type of weapon in the world.. However, some agreements in the field of conventional arms have not been successful due to the profit and the interest that this trade has for major powers. The research aims to show how Russia has been characterized as the main exporter of weapons for the Government of Bashar Al Assad and what interests the relationship between Moscow and Damascus. The research focuses on the Syrian Civil Conflict and the involvement of major powers, both regional and regional extras, As regards the sending of weapons that make the longest conflict. Encouraged by this scenario is sought to base the conflict according to realistic theories and Eurasianism, specific-geopolitical theory/ philosophy that defends the maintenance by Russia of an anti-hegemonic zone in the pan- Eurasian region where Syria is located.

**KEYS-WORDS:** Arms Control; Syria; Eurasianism; UN.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1 - Biggest Arms – Producing Companies.....</b>	<b>39</b>
<b>FIGURA 2 - Top 10 Arms Exporters .....</b>	<b>40</b>
<b>FIGURA 3 - Map of Multipolar World. Four Zones.....</b>	<b>50</b>
<b>FIGURA 4 - O Comércio Global de Armamentos .....</b>	<b>56</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: The arms exports from the top 10 largest exporters, 2010-2015.....	53
Tabela 2: The arms imports to the top10 largest importers, 2010 -2015.....	54
Tabela 3: The arms exports from United States, 2010-2015.....	57
Tabela 4: The arms exports from Russia , 2010-2015.....	58
Tabela 5: The arms exports from China, 2010-2015.....	59
Tabela 6: The arms exports from França, 2010-2015.....	60
Tabela 7: The arms exports from United Kingdom, 2010-2015.....	61
Tabela 8: Arms exports to Syria, 2005 -2016 .....	68
Tabela 9: Arms exports to Syria, 2005 -2016.....	69

## Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	12
1. ARCABOUÇO TEORICO: O CONTROLE DE ARMAS E A INSEGURANÇA DO SISTEMA INTERNACIONAL .....	17
1.1 ENQUADRAMENTO CONCEITUAL .....	17
1.2 TIPOS DE ARMAS CONVENCIONAIS .....	17
1.3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA .....	20
1.4 ARCABOUÇO TEORICO: CONTROLE DE ARMAS, MAXIMIZAÇÃO DO PODER E DILEMA DE SEGURANÇA.....	24
1.4.1 O Controle de Armamento: Uma Reflexão sobre a evolução do termo .....	25
1.4.2 A Insegurança do Sistema Internacional – Uma perspectiva Realista .....	28
2 ONU E AS ARMAS.....	33
2.1 ASSEMBLEIA GERAL .....	34
2.1.1 Convenção sobre proibição ou restrição do uso de Certas Armas Convencionais .....	36
2.1.2 Tratado de Ottawa.....	36
2.1.3 Tratado de Comércio de Armas .....	36
2.2 CONSELHO DE SEGURANÇA E OS EMBARGOS .....	37
3. O GRANDE ORIENTE E A PRETENSÃO RUSSA.....	44
3.1 O COMÉRCIO INTERNACIONAL DE ARMAS.....	50
3.2 OS PRINCIPAIS EXPORTADORES.....	55
3.2.1 Estados Unidos .....	55
3.2.2 Rússia.....	56
3.2.3 China .....	58
3.2.4 França.....	59
3.2.5 Reino Unido .....	60
4. UMA ANÁLISE DO ORIENTE MÉDIO .....	62
4.1 GUERRA CIVIL SÍRIA .....	62
4.2 GUERRA SÍRIA: MOTIVOS, PARTES ENVOLVIDAS E QUESTÕES RELIGIOSAS. ..	64
4.3 TRANSFERÊNCIAS DE ARMAS PARA SÍRIA .....	65
4.4 ENVOLVIMENTO ESTRANGEIRO NO CONFLITO SÍRIO: UMA GUERRA POR PROCURAÇÃO .....	69
4.4.1. Apoio ao Governo de Bashar Al Assad.....	69
4.4.2. Apoio à Oposição.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
REFERÊNCIAS .....	77

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As armas possuem relevância para os Estados, pois são necessárias para garantia da integridade física dos seus cidadãos contra um ataque militar externo ou mesmo alguma insurgência interna. Na segurança, em nível de Estado, o que prevalece é a manutenção do equilíbrio de poder e da dissuasão através da força, que é mantida através de um alto custo ao poderio bélico.

Durante o período da Guerra Fria, o pesadelo das armas nucleares rondou a vida dos habitantes do planeta, se tinha em mente que um ataque de um dos lados do conflito desencadearia uma guerra que colocaria um fim à vida na terra. Desde esse período, a Comunidade Internacional tem se mobilizado pra produzir mecanismos para a criação de acordos no campo das armas nucleares. Porém, foram as armas convencionais que tiveram destaque no Sistema Internacional, pois no período da Guerra Fria os Estados Unidos e a URSS promoveram uma verdadeira corrida armamentista por essas armas.

Os primeiros instrumentos de controle de armas convencionais surgem em um período de relaxamento das relações entre os Estados Unidos e URSS, uma das primeiras convenções na área foi com a proibição de “Certas Armas Convencionais que podem ser consideradas excessivamente danosas ou causar efeitos indiscriminados” em 1981. Outros instrumentos surgiram posteriormente, como o Tratado de Ottawa com foco nas minas antipessoais, e a Convenção das munições cluster<sup>1</sup>.

O Controle de Armamento<sup>2</sup> surge como tentativa de limitar a produção armamentista de determinado país, mais precisamente, os países envolvidos em conflitos armados. Seria uma maneira de diminuir o Dilema de Segurança produzido em algumas regiões do planeta, no entanto, muitos dos conflitos no Pós-Guerra Fria deixaram de se centrar em nível Estatal e passaram a abranger outros atores na comunidade internacional, como exemplos, grupos radicais, ou seja, é necessário instrumentos mais eficazes para um maior controle armamentista.

---

<sup>1</sup> Munição Cluster são armas que são compostas por uma caixa que quando se encontra no ar espalha inúmeras submunições explosivas [...] podem ser lançadas vias aeronaves, mísseis e artilharia (CICV, 2010).

<sup>2</sup> O controle de armas é quando um país ou países restringem o desenvolvimento, a produção, o armazenamento, a proliferação, a distribuição ou o uso de armas. O controle de armamentos pode referir-se a armas de pequeno calibre, armas convencionais ou armas de destruição maciça (ADM) e está geralmente associado a tratados ou acordos bilaterais ou multilaterais (KOLODKIN, 2017).

O Fim da Guerra Fria propiciou um retorno do conceito do Controle de Armas para política de segurança dos Estados. A abordagem tradicional do neorealismo apresenta o controle de armas como um instrumento para gerir o equilíbrio de poder entre os Estados e ajustando as suas capacidades militares (SELIM, 2013: pg. 1). Os institucionalistas neoliberais conceitua o controle de armas como um instrumento que poderia ajudar a moldar as percepções políticas dos estados, remover o dilema de segurança, e contribuir para a prevenção de conflitos e, possivelmente, a resolução de conflitos (SELIM, 2013: pg. 1).

Outras formas de Controle de Armamento no Sistema Internacional seriam com as resoluções expedidas pela Assembleia Geral e com os Embargos de armas que provém do Conselho de Segurança, assim, a ONU procuraria limitar a exportação de armas para regiões envolvidas em conflitos armados, por exemplo, o Oriente Médio.

Atualmente, o Oriente médio é centro da mesma disputa de outrora, os Estados Unidos e a Rússia tem participado ativamente do conflito civil Sírio, diretamente, esses países têm exportado armas para financiamento do conflito civil, este que vem trazendo uma serie de dilemas na região.

A Rússia é considerada como principal exportador de armas para países como a Síria e o Irã, que se tem demonstrado como principais importadores de armas convencionais russas. Em contrapartida, países como Estados Unidos tem se apresentado mais presente na região, que tem como principal aliado o Estado de Israel e a Arábia Saudita. A presença de potências estrangeiras na região mostra que a “Guerra por procuração<sup>3</sup>” tem justificado o envio de armamentos convencionais para Oriente Médio.

Regionalmente, o Irã e a Arábia Saudita tem se posicionado também ao conflito apoiando as forças do governo (Bashar al Assad) e a oposição, respectivamente. O Irã é um país de maioria *xiita*<sup>4</sup>, um dos ramos do Islamismo, o outro ramo é o *sunita*, que compreende a maioria da população da Arábia Saudita (FUJJI, 2015). Sendo assim, o conflito possui um viés religioso que não será levado em conta.

Para o povo sírio o controle das principais instituições estatais por um grupo minoritário da sociedade síria, fez surgir um sentimento de marginalização por parte da população sunita, que representa cerca de 70% da população do país. Alguns líderes sunitas

---

<sup>3</sup> Uma guerra travada entre grupos ou países menores que cada um representa os interesses de outros poderes maiores, e pode ter ajuda e apoio destes

<sup>4</sup> A divisão entre sunismo e xiismo remonta aos primórdios do Islão tendo resultado de divergências quanto à sucessão legítima (califado) do Profeta. Para os sunitas (‘seguidores da Tradição do Profeta’), os califas deveriam ser os veneráveis anciãos da tribo do Profeta. Para os xiitas (‘partidários de Ali’), o sucessor deveria ser Ali – genro e primo-irmão do Profeta – e seus descendentes [...] Daqui desenvolveram-se duas visões diferentes do Islão, com princípios, regras e práticas distintos (BARATA, 2007).

não se conformam com a ascensão dos Alauitas<sup>5</sup> nos principais segmentos de poder, principalmente, se o maior cargo do país for exercido por um Alauita, o Bashar al Assad (FUJJI *apud* NISSAN, 2015).

Na busca de entender o porquê de países membros do Conselho de Segurança não imporem sanções mais duras ao conflito Sírio, principalmente um embargo/limitação mais contundente de armas no país, se busca um maior entendimento da posição de determinadas potências do CSONU no conflito civil sírio. A presença de potências estrangeiras na região mostra que a “Guerra por Procuração<sup>6</sup>” tem justificado o envio de armamentos convencionais para Oriente Médio, sendo assim, procura-se identificar qual é o interesse das grandes potências no conflito sírio.

Na presente pesquisa, a hipótese a ser sustentada é de que a maior presença russa ao lado das Forças do Governo se dá pelo manutenção da sua Zona de Influência, isso justificaria a presença dos Estados Unidos na região, enviando suprimentos para as forças de oposição. Sendo assim, medidas de Controle de Armamentos não estão sendo levadas em consideração pelos membros do CSONU, especialmente Rússia, que mantém relações com alguns países do Oriente médio, onde se encontra sua Zona de Influência. Em nível regional, o envolvimento da Arábia Saudita na região se dar também pelo maior envolvimento do Irã, que auxilia as forças militares do Exército de Bashar al Assad, neste caso, seria devido a questões étnico-religiosas (Sunitas e Xiitas).

Portanto, o período a ser analisado na pesquisa será de 2011-2016<sup>7</sup> tendo em conta que esse período foi quando se teve início o Conflito civil sírio, e também quando se teve um aumento do envio de armamento para as áreas tensionadas. Outro ponto que foi levantado no período (2011-2016) foi um maior posicionamento das potências do CSONU, mais precisamente, Rússia e Estados Unidos frente ao conflito.

Para tanto, a pesquisa adotará um estudo de caso como método. Considerando, uma metodologia qualitativa e de caráter indutivo, usando como pressuposto a escolha específica de um cenário a ser analisado em um espaço temporal. Utilizara um estudo de caso interpretativo e não teórico, uma vez que se recorre a pressupostos teóricos para melhor compreender o cenário do conflito. Ainda, será apresentado na pesquisa um diálogo entre

---

<sup>5</sup> Ramo do Xiismos, derivação dos XIITAS.

<sup>6</sup> A Guerra por procuração é um produto da relação de um Benfeitor, que é um Estado poderoso à dinâmica de um conflito existente, e os “proxies” escolhidos que são o condutor para as armas, treinamentos e financiamento do conflito. Enfim, é a guerra por substituição lógica para os Estados que buscam atingir seus próprios objetivos ao mesmo tempo evitar o envolvimento direto no conflito (Mumford, 2013, pg. 40), ou seja, é um conflito armado no qual dois países se utilizam de terceiros, como intermediários ou substitutos, de forma a não lutarem diretamente entre si.

<sup>7</sup> Segundo semestre de 2011 ao primeiro semestre de 2016.

teorias das relações internacionais e a teoria do Eurasianismo<sup>8</sup>, tendo como finalidade entender a realidade da pesquisa. O meio utilizado na pesquisa será o levantamento bibliográfico, dados, tabelas e artigos.

De acordo com a questão abordada, o objetivo geral do trabalho é analisar como a produção armamentista de membros do CSONU, especialmente a Rússia, tem financiado o conflito civil sírio, e tem dificultado aprovações de resoluções mais contundentes ao conflito. Tendo como os objetivos específicos: (1) Delinear o tema Controle de armamento, utilizando de teorias das Relações Internacionais, (2) Verificar os principais instrumentos relacionados ao controle de armamentos, junto a ONU, (3) Apresentar as pretensões russa na região do Grande Oriente, (4) Descrever a produção armamentista dos membros do CSONU e (5) Entender a Guerra por Procuração na Síria, verificando o apoio estrangeiro no Conflito.

Seguindo a lógica dos objetivos apresentados, o trabalho está estruturado em quatro capítulos após essa introdução. No primeiro capítulo, se busca uma maior apresentação do tema controle de armamento no Sistema Internacional apresentando como as teorias de Relações Internacionais enxergam o controle de armamento. Sendo assim, o primeiro capítulo, se apresenta com uma evolução histórica, o desenvolvimento dos principais tipos de armamentos para o Sistema Internacional e o arcabouço teórico da pesquisa.

No segundo capítulo, se busca apresentar como as armas convencionais se inserem no âmbito da ONU, apresentando os principais acordos e convenções no campo de controle de armamentos pela Assembleia Geral, logo após, os embargos de armas, que são impostos pelo CSONU. Tanto a Assembleia Geral, quanto o Conselho de Segurança se apresentam como principais órgãos da ONU para debater, criar e decidir assuntos referentes à criação de mecanismos de negociação para um Controle de Armas. Em um último momento busca-se analisar as questões éticas dos Estados membros do CSONU que são responsáveis pela produção armamentista.

No terceiro capítulo, se apresentam os principais exportadores de armas convencionais no Sistema Internacional, estes são os países membros do CSONU. Nesse capítulo, se busca demonstrar as produções armamentistas através de dados quantitativos, expostos na análise de gráficos, tabelas e imagens, mostrando que no período entre 2011/2015 a produção armamentista vem apresentando um aumento considerável, a escolha do período compreende o início da guerra civil Síria e o último balanço da produção de armas.

---

<sup>8</sup> Teoria/Filosofia geopolítica específica que defende a manutenção de uma zona anti-hegemonica na região pan-eurasiana.

O quarto e último capítulo se apresenta uma análise de caso do conflito sírio, apresentando como os membros do CSONU e potências regionais tem se envolvido no conflito através do envio de armas convencionais para a região tensionada. Sendo assim, busca-se apresentar os motivos do conflito, o envolvimento estrangeiro e como a teoria de relações internacionais analisaria o caso.

## **1. ARCABOUÇO TEÓRICO: O CONTROLE DE ARMAS E A INSEGURANÇA DO SISTEMA INTERNACIONAL**

### **1.1 ENQUADRAMENTO CONCEITUAL**

É relevante estabelecer a definição de Controle de Armamento para uma posterior análise da dinâmica no trabalho. A primeira definição a se fazer é no que concerne o termo controle de armamento, pois muitas das vezes esse termo é utilizado como sinônimo de desarmamento ou eles são usados em um sentido alternado para medidas de limitação de armas.

O termo controle de armamento surge no pós-Segunda Guerra e se tornou uma expressão frequentemente usada em muitas convenções e acordos realizados, pois o desarmamento se tornou muito forte no contexto do pós-guerra. O termo desarmamento era entendido como abolição das armas, que de uma maneira ou de outra nunca aconteceu entre Estados em nível internacional.

De acordo com Bull (1961), o termo desarmamento e controle de armamento não são os mesmos, no entanto, eles se cruzam. O desarmamento seria a redução ou abolição das armas, ao passo que o controle de armas é a contenção internacionalmente exercida sobre a política de armamento, com sentido não só ao número de armas, mas também seu caráter, desenvolvimento e uso (BULL, 1961).

É importante definir que a pesquisa se concentra na análise de armas convencionais, que seriam, grosso modo, armas utilizadas em conflitos armados, guerras ou insurgências internas. Por limitar-se em armas convencionais, dispensa-se na pesquisa questões que norteiam armas nucleares, biológicas e químicas.

Não será levado em consideração o controle de armas em nível nacional, nem questões que remetem ao terrorismo, refugiados, recursos energéticos. Apesar de identificarmos a importância desses temas para a agenda das relações internacionais, compreendemos que o escopo teórico ora adotado não nos oferece o aparato para abordá-los, no momento.

Dessa maneira, essas colocações conceituais são satisfatórias para a melhor compreensão das análises que este trabalho propõe, e que se inicia por um breve resumo histórico da evolução do controle de armamento no Sistema Internacional, mais precisamente, no Oriente médio.

### **1.2 TIPOS DE ARMAS CONVENCIONAIS**

De acordo com a SIPRI<sup>9</sup> (2016), os principais tipos de armas convencionais são<sup>10</sup>:

- **Aeronave:** todas as aeronaves de asa fixa e helicópteros, incluindo aeronaves de reconhecimento / vigilância não tripulada com um mínimo de peso carregado de 20 kg. Exceções são aeronaves ultraleves, planadores motorizados e não motorizados e *drones* alvo.
- **Sistemas de defesa aérea:** (a) toda míssil superfície ar em terra (SAM) de sistemas, e (b) todos os canhões antiaéreos de calibre superior a 40 mm ou com vários barris de calibre combinado de, pelo menos, 70 mm. Isso inclui sistemas de autopropulsão de chassis blindado ou não blindado.
- **Armas antissubmarino de guerra:** lançadores de foguetes, lançadores múltiplos de foguetes e morteiros para uso contra os submarinos, com calibre igual ou superior a 100 mm.
- **Veículos blindados:** todos os veículos com proteção integral armadura, incluindo todos os tipos de tanque, contratorpedeiro de tanque, carro blindado, veículo blindado, veículo de apoio blindados e veículos de combate de infantaria. Apenas os veículos com blindagem muito leve (como caminhões com uma cabine integrante, mas levemente blindado) são excluídos.
- **Artilharia:** naval, fixa, automotora e canhões, obuses, lançadores múltiplos de foguetes e morteiros rebocados, com calibre igual ou superior a 100 mm.
- **Motores:** (a) motores para aeronaves militares, por exemplo, aeronaves com capacidade de combate, maiores de transporte militar e aeronaves de apoio, incluindo os helicópteros; (B) motores para navios de combate, tais como artesanato rápido ataque, corvetas, fragatas, destroieres, cruzadores, porta-aviões e submarinos; (c) os motores para a maioria dos motores de veículos em geral blindados de saída de mais de 200 cavalos de potência. Nos casos em que o sistema é montado sobre uma plataforma (veículo, avião ou navio), o banco de dados inclui apenas os sistemas que vêm de um fornecedor diferente do fornecedor da plataforma.
- **Mísseis:** (a) todos os motorizados, mísseis guiados e torpedos com ogivas convencionais, e (b) todas as bombas e granadas sem energia, mas guiadas. Isso inclui

---

<sup>9</sup>Stockholm International Peace Research Intitute (SIPRI) - é um instituto internacional independente dedicado à pesquisa em conflito, armamentos, controle de armas e desarmamento. Fundada em 1966, a SIPRI fornece dados, análises e recomendações, baseadas em fontes abertas, para formuladores de políticas, pesquisadores, mídia e público interessado.

<sup>10</sup>Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/armstransfers/background#trade-registers>  
Acesso em: 18 set. 2016.

sistemas portáteis de defesa aérea (MANPADS) e mísseis antitanques guiados. Foguetes não guiados, munições aéreas de queda livre, foguetes antissubmarino e aviões-alvo são excluídos.

- **Sensores:** (a) toda a terra, Aviões e sistemas de vigilância nos navios ativa (radar) e passiva (por exemplo, electro-óptico) com uma gama de, pelo menos, 25 quilómetros, com exceção da navegação e do tempo radares, (b) todos os radares de controle de fogo, com exceção de radares únicos alcance, e sistemas de sonar (c) antissubmarino de guerra e antinavio para navios e helicópteros.
- **Satélites:** Satélites de comunicações.
- **Navios:** (a) todos os navios com uma tonelagem padrão de 100 toneladas ou mais, e (b) todos os navios armados com artilharia do calibre de 100 mm ou mais, torpedos ou mísseis guiados, e (c) todos os navios inferiores a 100 toneladas se a velocidade máxima (em km/h) multiplicado pela tonelagem total é igual a 3500 ou mais. As exceções são a maioria dos navios de pesquisa, rebocadores e alguns navios de transporte.
- **Outros:** (a) todas as torres para veículos blindados equipados com uma arma de pelo menos 20 mm de calibre ou com mísseis antitanque teleguiado, (b) todas as torres para navios equipados com uma arma de pelo menos 57 mm de calibre, e ( c) todas as torres para navios equipados com várias armas com calibre combinado de pelo menos 57 mm e (d) sistemas de reabastecimento aéreo como usado em aviões-tanque. A base de dados inclui apenas os sistemas que vêm de um fornecedor diferente do fornecedor da plataforma (veículos, embarcações ou aeronaves).
- Armas de pequeno calibre e armas ligeiras

Existe diferença entre os tipos de armas mencionados acima, elas são classificadas de acordo com seu poder de destruição: Armas pesadas e leves. As armas pesadas possuem um emprego exclusivamente militar, elas podem ser caracterizadas como grandes e pesadas. Possuem pouca mobilidade, ou seja, não é comum a comercialização dessas armas, elas também possuem grande poder de destruição (ABDI, 2016, pg. 36)<sup>11</sup>.

As armas leves tem mais facilidade de serem comercializadas entre os países do que as armas pesadas. As transferências desse tipo de armas são facilitadas por seu tamanho, pequenas e médias, e também por alguma delas serem armas artesanais, o que facilita na comercialização

---

<sup>11</sup> ABDI - Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial

delas. Elas incluem, entre outras, revólveres e pistolas semiautomáticas, espingardas e carabinas, metralhadoras, rifles de assalto e metralhadoras leves (ABDI, 2016: pg. 36).

### 1.3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA

O Controle de Armamentos são medidas implementadas unilateralmente ou em acordo multilateral, que tem como objetivo impor restrições políticas e legais acerca do desenvolvimento e/ ou articulação de materiais de emprego militar (FERREIRA, 2011: 20-21). Sendo assim, é necessário que os países envolvidos entrem em acordo para regular, restringir ou proibir certos tipos de armas.

Na prática, o controle de armamentos, assumirão formas variadas, tais como: impor restrições quantitativas e qualitativas sobre o emprego de equipamentos militares; envolver acordos de não-proliferação; regular ou proibir o desenvolvimento e a transferências de armas específicas e seus componentes; restringir atividades militares; restringir ou proibir determinados métodos de guerra, ou até regular as condições sob as quais os armamentos poderão ser utilizados (FERREIRA, 2011: 20-21).

Um dos primeiros movimentos de controle de armamento na comunidade internacional foi com o Tratado de Versalhes<sup>12</sup>, que responsabilizou a Alemanha pela Primeira Guerra Mundial proibindo-a de formar e armar o Exército alemão (RODRIGUES apud BECKER, 2011). De acordo com Seitenfus (2008), o Tratado de Versalhes se apresenta pra Alemanha como um acerto de contas, pois no entendimento alemão os vencedores impõe aos vencidos em quatrocentos e quarenta artigos, uma paz que a Alemanha percebe como sendo uma *Diktat* ou Imposição. Sendo assim, o Tratado de Versalhes age como limitador da produção de armas alemã.

Com a criação da Liga das Nações<sup>13</sup> surge na comunidade internacional maior necessidade de desarmamento, o período que antecedeu o surgimento da Liga foi marcado pela grande produção de armas para o financiamento da Grande Guerra<sup>14</sup>. Após o Conflito, o controle de fabricação de armas e a política de desarmamento tornaram-se os principais pilares da nova organização internacional. No entanto, de acordo com Seitenfus (2008):

---

<sup>12</sup> O tratado estabeleceu um limite mínimo para o contingente militar, marítimo e aéreo da Alemanha. Proibiu o alistamento obrigatório, proibiu-se a importação e a exportação de armas assim como o uso de alguns armamentos específicos e a manutenção de armas.

<sup>13</sup> Tratava-se de uma associação intergovernamental, de caráter permanente, de alcance geral e com vocação universal, baseada nos princípios da Segurança Coletiva e da Igualdade entre os Estados Soberanos (SEITENFUS, 2008: pg. 105)

<sup>14</sup> Termo utilizado para se referir a Primeira Guerra Mundial, no caso, era um conflito que envolvia as principais potências do globo coisa que nunca tinha acontecido antes.

Quando Hitler assumiu o Poder, em 1933, um de seus principais objetivos foi dotar a Alemanha de importantes forças armadas. Portanto, o eventual controle da Liga sobre o nível bélico germânico era inaceitável. Surpreendendo a todos, Hitler retira a Alemanha, em 14 de Dezembro de 1933, da Liga das Nações. [...] A próxima etapa foi o rearmamento Alemão, com a reintrodução do serviço militar obrigatório e a formação de um exército de 600 mil homens (SEITENFUS, 2008: pg. 121, 122).

No período Entre guerras<sup>15</sup> (1918-1939), o controle de armamentos se dava através do relacionamento entre as regras de guerras e a redução das capacidades militares, ou seja, através da diplomacia. Posteriormente a esse período, o controle de armas é delimitado através das categorias de armas. Essa mudança se deu devido ao surgimento das armas nucleares, que tinham um poder muito maior de destruição, e que trouxe a distinção entre as armas convencionais e as armas de destruição em massa<sup>16</sup>.

Os tanques e aviões que tinha acabado de ser lançados e desempenharam um papel insignificante na Primeira Guerra Mundial dominaram a Segunda Guerra. E ao fim da Guerra, a bomba atômica anunciou o amanhecer da era nuclear (NYE, 2009: pg.118).

O Surgimento da ONU reacende no mundo a busca por um mundo mais pacífico que teria como pilares a manutenção da paz e da segurança internacional em todo o mundo. De acordo com a Carta da ONU, mais precisamente o artigo 26, propõem a ideia de desviar para armamentos apenas o mínimo de recursos econômicos e humanos do mundo (ONU, 1945). Sendo assim, o Conselho de Segurança determinará a existência de qualquer ameaça à paz, ruptura da paz ou ato de agressão e fará recomendações ou decidirá que medidas deverão ser tomadas (ONU, 1945).

Com a Guerra Fria houve um impedimento das propostas que a carta da ONU trazia, pois a ideia de desvio mínimo de recursos humanos e econômicos para armamentos se tornou muito destoante dos preceitos da Carta. A dissuasão nuclear, corrida armamentista e a manutenção do equilíbrio de poder foram às características que prevaleceram no conflito ideológico entre EUA e URSS.

Após a guerra tem-se início a Guerra Fria, que foi um conflito ideológico, político, econômico e bélico que não causou conflitos diretos entre os Estados Unidos e a URSS, embora as potências financiassem conflitos menores entre países periféricos. Nesse período tem-se início a corrida armamentista, que foi caracterizada pela grande produção de armas para financiamentos dos conflitos (NYE, 2009: p.141).

---

<sup>15</sup> **Entre Guerras** é a denominação dada ao período do século XX que se estende do fim da primeira guerra em 11 de novembro de 1918, até o início da segunda guerra mundial, em 1 de setembro de 1939.

<sup>16</sup> De acordo com Naim, as Armas de destruição em massa, se caracteriza como Armas químicas, Biológicas e Nucleares (NAIM, 2006: pg. 30).

Na medida em que a influência da Grã-Bretanha era desconstruída no Oriente Médio, na África e Ásia, os Estados Unidos tiveram que mudar sua orientação estratégica na Guerra Fria, que antes se centrava na Europa. Eles tiveram que direcionar suas forças para essas regiões tensionadas, que ficavam sujeitas a influência soviética (EUA, Departamento de Estado, 2012: pg.291).

No Oriente Médio, onde os Britânicos tinham influência antes da Segunda Guerra. Depois da guerra, várias coisas aconteceram. Primeiro, os soviéticos recusaram-se a retirar suas tropas do Irã em março de 1946. Os Estados Unidos apoiaram o Irã em um debate da ONU. Os Soviéticos finalmente recuaram, mas não sem muito rancor em relação ao acontecimento (NYE, 2009: pg.150)

O Oriente médio sempre considerado como uma região de disputa, desde que os países descobriram petróleo na região (SALIBA, 2009), ela passou a ser disputada pedaço por pedaço, as disputas mais famosa foram entre os Estados Unidos e a URSS que se iniciou no Afeganistão com a disputa da tutela do País, que foi verificado que a União Soviética financiava e armava uma parte do exército local (SALIBA, 2009, p. 388).

Os americanos temiam que a União Soviética aumentasse suas áreas de influência na região e tomassem o controle do petróleo. Com isso, eles armaram tropas no exército vizinho, financiando e armando para que entrasse em conflito armado com o Paquistão (SALIBA, 2009). As armas eram provenientes da América, mais precisamente das indústrias estadunidenses, que produziam um grande número de armas para financiar esses conflitos regionais.

No Oriente Médio, os dois principais motivos para preocupação dos Estados Unidos foram a queda do Xá do Irã, que comprometia o fornecimento de petróleo para o mundo e a invasão da União Soviética no Afeganistão (EUA, Departamento de Estado, 2012, p.291).

Na Guerra Fria, muitos dos conflitos entre os EUA e a URSS foram caracterizados como *Guerra por procuração*, pelo fato de não haver conflito direto entre as duas superpotências, mas através do financiamento de armas, equipamentos e tropas para conflitos regionais. Na década de 80, as tensões tiveram um relaxamento, e neste período se inicia os primeiros acordos de armas convencionais<sup>17</sup> na busca por uma maior tentativa de regulação do comércio de armas.

---

<sup>17</sup> Acordos de armas nucleares já existiam, mas os acordos de armas convencionais foram acontecendo com o relaxamento entre as duas potências, através dos acordos mais amplos.

No início dos anos 90 com o término da Guerra Fria e a desintegração da URSS lançou no mercado uma série completamente nova de produtos que interessavam aos comerciantes ilícitos, alguns dos quais a preço de banana (NAIM, 2006: pg. 30).

Novos desafios surgiram no período pós-guerra fria, as armas nucleares, que antes tinham destaque no Sistema Internacional virou apenas mais um segmento especializado em um lucrativo mercado internacional em expansão (NAIM, 2006: pg. 30). No período da Guerra Fria, EUA e a Ex-URSS (atual Rússia) foram responsáveis por uma grande produção de armamento, eles nunca usariam diretamente essas armas, a não ser para financiar conflitos regionais.

Incluía-se armas e equipamentos militares dos exércitos excessivamente inchados do Pacto de Varsóvia e de fábricas estatais construídas para abastecê-la; materiais convencionais e tecnologias nucleares, disponível com o fim da URSS (NAIM, 2006: pg. 30).

Atualmente, com a proliferação das armas convencionais surge na comunidade internacional maiores necessidade de controle, pelo fato de organizações terroristas terem acesso a esses armamentos convencionais, que outrora era de uso exclusivo dos Estados (MARTINS, 2011: pg. 56). No entanto, os maiores distribuidores de armas e equipamentos militares usados em conflitos armados, por exemplo, fazem parte do G8 e são membros permanentes no Conselho de Segurança da ONU (MARTINS, 2011: pg. 56).

Os tradicionais produtores de armas são Rússia, EUA, França, Alemanha e Reino Unido que são responsáveis por cerca de 82% das vendas de armas convencionais no mundo (MARTINS, 2011: pg. 56). Neste caso, de acordo com a Anistia Internacional, o CSONU não se caracteriza como um órgão confiável para viabilizar a paz e segurança mundial, porque os maiores fornecedores de armas para o Oriente Médio são os países que fazem parte do Conselho de Segurança, mais precisamente os cinco membros permanentes que detém o poder de veto<sup>18</sup>.

A regulamentação interna do comércio de armas não foi capaz de se adaptar a essas mudanças. O crescimento da propagação de armas convencionais em todo mundo, além dos interesses comerciais e políticos, tornam mais complexos a busca para limitação e controle ( NATO, 2016, Tradução noss)<sup>19</sup>

De acordo com Mearsheimer (2001), o ciclo de violência irá prolongar-se pelo novo milênio, a perseguição pela paz provavelmente não se concretizará, já que as grandes

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://anistia.org.br/noticias/apelo-potencias-mundiais-para-que-apoiem-um-tratado-de-comercio-de-armas-mais-robusto/> Acessado em: 05 de Julho de 2016

<sup>19</sup> Ver: Arms control, disarmament and non-proliferation in NATO. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_48895.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_48895.htm)

potências que moldam o Sistema Internacional se receiam, e, por isso, competem pelo poder. Esse é o fim último do Estado, a constante busca pelo poder, pois só a força garante a segurança (MEARSHEIMER: 2001). Portanto, até que ponto o Conselho de Segurança da ONU promoveria a paz e a segurança internacional frente à comercialização de armamentos. A aquisição de armas seria uma forma de demonstração de força.

Nas próximas páginas será delimitado o arcabouço teórico da presente pesquisa. No decorrer da pesquisa serão adotados pressupostos realistas, mais precisamente o realismo ofensivo de Mearsheimer (2001), que caracterizará a pesquisa por entender que as questões armamentistas no Oriente Médio estão mais próximas de um espectro realista.

#### **1.4 ARCABOUÇO TEORICO: CONTROLE DE ARMAS, MAXIMIZAÇÃO DO PODER E DILEMA DE SEGURANÇA.**

O controle de armas é exercido através do uso da diplomacia que busca impor certas limitações para Estados através de convenções e acordos internacionais. Nesse contexto, o Oriente Médio apresenta uma característica relevante para a presente pesquisa, pois de acordo com a SIPRI - Yearbook 2011<sup>20</sup> é a região do mundo para onde segue a maior parte da produção de armas convencionais. Segundo o relatório, um quinto de todos os armamentos que é vendido no mundo termina no Oriente Médio (SIPRI, 2011).

O Oriente Médio por muito tempo sofreu das mais diversas invasões, pelo fato de se localizar em uma posição estratégica no fronteira de dois continentes, e por possuir uma das maiores reservas de petróleo do mundo. Este recurso é uma das causas dos principais conflitos na região, e é também por este recurso que potências como os Estados Unidos e a Rússia sempre disputaram a influência junto aos países do Oriente Médio na busca incessante de manter o equilíbrio regional<sup>21</sup>.

Para entender a importância do controle de armas para regiões conflitantes, mais especificamente o Oriente Médio, faz-se necessário primeiramente entender o contexto em que essa preocupação se insere nas Relações Internacionais, tendo em vista, que os países que formam o Oriente Médio não são diferentes dos outros Estados no que se refere à preocupação com sua sobrevivência e a sua segurança no Sistema Internacional.

---

<sup>20</sup> Stockholm International Peace Research Institute - SIPRI

<sup>21</sup> O equilíbrio na região é importante para as potências ocidentais, pois qualquer desequilíbrio comprometeria a exportação de petróleo para o mundo sendo este a base da econômica capitalista. Manter o equilíbrio é primordial.

O fim da Guerra Fria viu um retorno do conceito de controle de armas para a vanguarda do discurso acadêmico e orientada para a política de segurança. Enquanto a abordagem tradicional neorrealista confere ao controle de armas como um instrumento para gerir o equilíbrio de poder entre estados e ajustando as suas capacidades militares, Os institucionalistas neoliberais conceitua o controle de armas como um instrumento que poderia ajudar a moldar as percepções políticas dos estados, remover o dilema de segurança, e contribuir para a prevenção de conflitos e, possivelmente, a resolução de conflitos (SELIM, 2013: pg. 1, Tradução Nossa).

Para o presente trabalho será importante entender um pouco a inserção das Teorias de Relações Internacionais como tema essencial para compreensão do assunto proposto. Para tanto, será focado o realismo tradicional abordando o Dilema de Segurança e a Dissuasão, e o ofensivo que se centra na maximização do poder para garantia da sobrevivência e da segurança.

Na pesquisa, as teorias de relações internacionais tornam-se importante para um maior entendimento dos temas abordados na presente pesquisa.

#### **1.4.1 O Controle de Armamento: Uma Reflexão sobre a evolução do termo**

Controle de armas conceitua-se como medidas que são projetadas para limitação de armamentos e de atividades militares que podem ser efetuadas em relação a qualquer tipo de armamento ou atividades militar, tendo como necessidade um acordo entre as nações sobre o tipo de armas e/ou atividades que se pretende limitar.

De acordo com Larsen, o Controle de Armas pode ser definido como qualquer acordo entre os Estados para regular algum aspecto de sua capacidade ou potencial militar. O acordo pode se aplicar à localização, quantidade, disponibilidade e tipos de forças militares, armas e instalações (LARSEN, 2002: pg. 1). Ainda conforme o Larsen (2002), todos os planos de controle de armas pressupõem uma cooperação ou de ação conjunta entre os participantes sobre os seus programas militares (LARSEN, 2002: pg. 1, tradução nossa).

É necessário trazer a diferença dos termos desarmamento e controle de armamento, pois os dois partilham de algumas semelhanças, mas ambos possuem diferentes pressupostos. Em termos gerais, desarmamento alude à abolição de certos tipos de armas dos arsenais dos Estados, ou seja, busca uma redução no nível mais baixo do armamento do Estado. A ONU definiu o termo desarmamento como:

A Assembleia Geral (UN) das Nações Unidas definiu o termo como a eliminação de todas as armas de destruição maciça, juntamente com a redução equilibrada das forças armadas e armamentos convencionais, com

base no princípio da segurança integral das partes com vista a promover ou aumentar a estabilidade em umas forças armadas nível menor (SELIM, 2013: pg. 7, Tradução nossa).

As armas têm um uso legítimo em nossa sociedade, mas essa utilização deve ser estritamente controlada. Os Estados têm o direito de recorrer às armas para garantir que a vida, a liberdade e a integridade física de todos os seus cidadãos sejam protegidas contra o ataque militar externo, ou ataque iminente durante as operações internas de aplicação da lei (OXFAM, 2003, Tradução nossa).

De acordo com Gamal Selim (2013), a principal finalidade do Controle de Armas é uma busca por regulamentação, pois ele tende a colocar certas restrições na aquisição, produção e utilização de armas. O controle tende a restringir certas armas e sistema de armas, limitando a produção e impondo certo limite da quantidade de armas que aumenta a chance de conflito (SELIM, 2013: pg. 7). Sendo assim, um maior limite na produção armamentista diminuiria o poder destrutivo dos arsenais dos Estados e tenderá a retardar o fornecimento de armas para os conflitos, logo, reduzindo as chances de guerras.

De acordo com Bull, o Controle de armamento é definido como um processo de restrição a nível internacional exercido sobre o desenvolvimento, sobre seu uso e sobre o seu emprego (SELIM *apud* BULL, 2013: pg. 8). Segundo Booth, o termo desarmamento é revolucionário, o controle de armas é um termo mais conservador, pois tem foco que direciona a uma maior regulação dos processos de produção, pois tem como objetivo regular e não eliminar os sistemas de armas (SELIM *apud* BOOTH, 2013: pg. 8). Em nível internacional, o Controle de Armamento tende a ser mais aceitável entre os Estados que o Desarmamento.

Controle de Armas poderia ajudar a evitar alguns riscos que uma corrida armamentista em si poderia gerar. O pós-segunda guerra foi caracterizado pela corrida armamentista, que compreendia a busca por tecnologias armamentistas, a inovação tecnológica quase sempre fazia parte da pasta dos Estados, mais precisamente, os EUA e a URSS (GLASER, 1998).

Para Glaser (1998: pg.113), Estados podem tentar comunicar as suas intenções benignas através de três tipos de políticas militares: controle de armamento, defesa unilateral e contenção unilateral. O controle de armamento é um termo que se associa a questões de contenção de armamentos, este seria uma maneira de evitar ou mesmo conter uma corrida armamentista entre Estados, e com isso, barrar um possível dilema de segurança.

Teoricamente, essa ideia ganha força com o *idealismo Wilsoniano* que era convicto que era possível colocar um fim à guerra e alcançar uma paz de certa forma permanente por

meio de uma organização internacional racional (JACKSON, 2007: pg. 62). Isso não significa que os Estados e seus políticos, Forças Armadas e outros agentes e instrumentos de conflitos internacionais sejam descartados, mas que é possível subjugar os Estados e seus políticos ao sujeita-los às leis, instituições e a organizações internacionais apropriadas (JACKSON, 2007: pg. 65).

O programa de paz do Wilson preconiza o término da diplomacia secreta, deve -se haver liberdade de navegação e as barreiras ao livre- comércio devem ser retiradas, os armamentos devem ser reduzido a ponto mais baixo em consonância com a segurança doméstica (JACKSON apud VASQUEZ, 2007: pg.65).

De acordo com teóricos realistas, a anarquia, tratada no tópico posterior, tem duas consequências: falta de confiança entre os Estados e a garantia da própria sobrevivência. De acordo com Jackson (2007: pg. 169), os teóricos neorealistas tendem a promover um cenário de instabilidade na Europa com o fim da Guerra Fria, este semelhante ao enfrentado anteriormente a Grande Guerra pelas potências europeias.

A paz na Europa durante a Guerra Fria se fundamentou em dois pilares que constituíam a balança de poder entre os Estados Unidos e a União Soviética. Os pilares eram, primeiro, a bipolaridade com sua estável distribuição de poder militar e, segundo, os enormes arsenais de armas nucleares quase inteiramente monopolizados pelas superpotências (JACKSON, 2007: pg.169)

De acordo com Naim (2006: pg. 21), com o fim da Guerra Fria o comércio de armas mudou. No período anterior, o comércio de armas se centrava aos esforços de poderosos governos, ao lado de poucas companhias de renome, para garantia da fidelidade de seus compradores de aviões de caça, tanques e munições. Desde 1990, o comércio de armas leves abasteceu cerca de 50 conflitos ao redor do mundo. Vastos estoques de armamentos do período da Guerra Fria escoaram para o mercado. Hoje, milhares de comerciantes informais ocupam o mercado outrora reservado às grandes corporações que abasteciam os governos (NAIM, 2006: pg. 20).

Nos últimos anos, a globalização provocou um grande impacto na forma de produção e comercialização de armas. O comércio de armas tornou-se um caso complexo, envolvendo diferentes países e empresas, de forma que sua montagem e a produção de seus componentes não estão mais concentradas em único território. Como resultado, o controle de arma por parte dos Estados ficou mais difícil e muitas vezes insuficiente para alcançar resultados efetivos (MARTINS, 2011: pg. 55).

Nesse contexto, a luta por estabelecimento de novos padrões internacionais e até de um tratado internacional regulando a matéria tem estado na agenda das discussões e reuniões

das grandes organizações internacionais. Contudo, os grandes países exportadores de armas relutam em estabelecer regras contundentes, uma vez que isso tende a responsabilizá-los ou afetar seu poderio militar e econômico.

O controle de exportações de armamento evolui num sistema de forças no qual existe tração das indústrias, por motivos econômicos, no sentido de maior liberalização dos controles e mais exportações; tração de vários atores internacionais, por motivos humanitários, no sentido de maior aperto dos controles e menos exportações; e tração de algumas entidades responsáveis pela segurança e defesa, em cada Estado, também no sentido de maior aperto dos controles e menos exportações, por motivos de manter superioridade tecnológica em armamento (MIRA, 2011: pg. 240).

É responsabilidade do Estado regular as armas produzidas em território nacional, os mesmos, possuem a necessidade de produção de armas para comercializar com outros países, pois é um comércio bastante lucrativo que movimenta bilhões através da compra e venda de armas. Os atores envolvidos na comercialização apresentam não só interesses comerciais, mas também interesses políticos, estratégicos e econômicos.

O Controle de armas se apresenta como uma medida de contenção ou limitação da exportação de armas para regiões que estão envolvidas em conflitos armados, ou seja, países exportadores não poderiam enviar armas para regiões conflituosas. Nesse caso, o Tratado de Comércio de Armas se apresenta como o principal instrumento limitador do comércio para determinadas regiões tensionadas, pois tende a barrar o envio de armas para conflitos.

#### **1.4.2 A Insegurança do Sistema Internacional – Uma perspectiva Realista**

É relevante a inserção dos pressupostos realistas na presente pesquisa, pois se busca um maior entendimento das motivações que levam Estados a se armarem no Oriente Médio. A insegurança na região faz com que Estados busquem cada vez mais nas armas a garantia necessária para sua própria segurança (*Self-help*). O Oriente Médio, de acordo com o relatório da SIPRI, é a área do mundo para onde segue parte das exportações de armas<sup>22</sup> produzida nas grandes potências.

O Controle de armas de acordo com uma visão realista seria uma maneira de limitar a ação do outro Estado se utilizando de instrumentos liberais, que seriam acordos, regimes e tratados. Com isso, as Instituições Internacionais, de acordo com Mearsheimer, são caracterizadas como arenas nas quais os Estados encenam relações de poder (MEARSHEIMER, 1995).

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.sipri.org/yearbook/2005/05> Acesso em : 18 set. 2016

Sendo assim, as instituições agiriam como instrumentos nas mãos das grandes potências que limitariam a produção armamentista de Estados menores. Neste caso, quando as grandes potências entendem que criar ou aderir a uma convenção, tratado ou mesmo uma instituição seja conveniente para refletir seus interesses e preferências, assim o fazem (RINALDI; MORINI, 2015: pg. 541).

Contudo, tradicionalmente, o que prevalece é a manutenção do equilíbrio de poder<sup>23</sup> e da dissuasão<sup>24</sup> através da força, que é mantida através de um alto custo ao poderio bélico. Sendo assim, os Estados buscam a força através das armas devido a constante insegurança do Sistema Internacional, que é entendido como um sistema anárquico, que não possui um poder capaz de ditar as regras e garantir a segurança.

De acordo com Aron, o Sistema Internacional é um conjunto constituído por unidades políticas que mantêm relações regulares entre si e que são suscetíveis de entrar numa guerra geral (ARON,1961). O Sistema Internacional é um sistema anárquico. A anarquia seria a ausência de um governo e de leis que definem a maneira de comportamento e de regulação de um determinado espaço, provendo-lhe ordem.

A anarquia não é o caos, mas sim a ausência de uma autoridade suprema, legítima e indiscutível que possa ditar as regras no sistema. Se a sobrevivência for assegurada é que os Estados podem com segurança buscar outros objetivos como tranquilidade, lucro e o poder (WALTZ, 2011, pg. 175).

Para teóricos realistas, as relações internacionais funcionam em um sistema anárquico, que tende a perdurar porque os Estados buscam preservar sua autonomia. Na anarquia, a segurança é o fim mais importante (WALTZ, 2011: pg. 175). Os Estados, com isso, buscam o poder e a segurança por que a estrutura anárquica do Sistema Internacional os leva a agir dessa maneira.

É responsabilidade dos Estados regular o comércio de armas convencionais e impedirem a seu desvio, em conformidade com as suas respectivas obrigações internacionais<sup>25</sup>, contudo,

---

<sup>23</sup> O **equilíbrio de poder** é a condição de equilíbrio geral, de tal modo que nenhum Estado tenha capacidade para dominar os outros, evitando uma situação de hegemonia ou predominância (SOUSA, 2005, Pag. 23).

<sup>24</sup> A estratégia de **dissuasão** é entendida como o modo de gerar, organizar e preparar o emprego da força, com a finalidade de impedir o adversário de usar certos meios e/ou adoptar certos comportamentos (concretizar certas ameaças) [...] Em função dos meios utilizados, pode haver dissuasão ofensiva: económica (caso da ameaça de bloquear certas ou todas as exportações ou importações); psicológica (ameaçando com represálias morais: banimento, denúncia, etc.); diplomática (corte de relações); militar (através de contra-ataques) (SOUSA, 2005, Pag. 68).

<sup>25</sup> Segundo o texto do Tratado de Comércio de Armas, é responsabilidade do Estado de regular eficazmente o comércio internacional de armas convencionais e impedirem o seu desvio, em conformidade com as suas

aos Estados é garantido também o comércio legítimo<sup>26</sup>, a posse lícita e o uso de certas armas convencionais para uso recreativo, cultural e histórico (TRATADO DE COMERCIO DE ARMAS, 2013).

É o Estado que cria os instrumentos jurídicos que concretizam, no seu território, o controle de exportações, é o Estado que, representando o seu interesse nacional, dialoga com os seus homólogos, num cenário de anarquia internacional, sobre o comércio internacional de armamento e seu controle, procurando todos os participantes gerir os choques dos vários interesses em jogo (MIRA, 2011: pg. 247).

Segundo Pecequillo, no Sistema Internacional as unidades independentes interagem entre si buscando a preservação de sua segurança e a perseguição do poder nacional sem contar com ninguém além de si próprio, gerando autoajuda (PECEQUILO, 2008: pg.132). De acordo com Waltz, em um sistema de autoajuda cada uma das unidades gasta uma porção do seu esforço, não para perseguir o seu próprio bem, mas para arranjar os meios de se proteger dos outros (WALTZ, 2011: pg.147). Ainda segundo Waltz, em qualquer sistema de autoajuda as unidades preocupam-se com a sua sobrevivência, e a preocupação condiciona o seu comportamento (WALTZ, 2011: pg.147).

Um sistema de autoajuda (baseado no interesse próprio) é um sistema no qual aqueles que não se ajudam a si mesmos, ou os que fazem menos eficazmente do que os outros, não conseguirão prosperar, expor-se-ão ao perigo, sofrerão. O medo dessas consequências indesejáveis estimula os estados a comportarem-se de formas que tendem a criar balanços de poder (WALTZ, 2011, pg.165).

Conforme Waltz, a política de balança de poder prevalece quando dois requisitos existem: que seria uma ordem anárquica e que no sistema haja unidades que desejem sobreviver (WALTZ, 2002, pg. 168). De acordo com Waltz:

A expectativa não é que o equilíbrio, uma vez interrompido, seja restaurado de uma forma ou de outra. As balanças de poder formam-se recorrentemente. Uma vez que o Sistema Internacional é um ambiente competitivo, e que Estados exibirão características de competidores; que se imitarão uns aos outros e se tornarão socializados no seu sistema (WALTZ, 2011, pg. 178).

Conforme Jackson (2007: pg. 83), os Estados menores e mais fracos tenderiam a se alinhar às grandes potências a fim de preservar e garantir sua sobrevivência. Nesse ponto Waltz (2007) afirma que as motivações dos Estados pelo poder e a segurança não são

---

respectivas obrigações internacionais, bem como a responsabilidade principal de todos os Estados de instituírem e aplicarem os seus respectivos sistemas de controle nacional. (TRATADO DE COMERCIO DE ARMAS, 2013).

<sup>26</sup> Seria o comércio regulado entre Estados, diferente do oposto que é o Tráfico de armas (TRATADO DE COMERCIO DE ARMAS, 2013).

consequência na natureza humana, mas os Estados são obrigados a se alinhar a grandes potências em função da estrutura. Conforme explica:

Em um sistema de Estados soberanos com a capacidade de construir e manter forças armadas consideráveis, os Estados não podem garantir que os Estados rivais não tentará conseguir exercer influência buscando superioridade militar. Confiança frequentemente não existe. Estados, portanto, interpreta a informação recebida sobre as capacidades militares dos Estados rivais sob a pior luz (LARSEN, 2002: pg. 1, tradução nossa).

Na lógica realista, o crescimento de um Estado em uma determinada região pode se considerar um ameaça aos demais, esse crescimento pode gerar insegurança para os Estados vizinhos. A necessidade de um Estado possuir um programa militar ou querer armar suas Forças Armadas faz com outros Estados busquem evitar o outro lado de alcançar superioridade, ou seja, de uma maneira ou de outra esse “Dilema de Segurança” pode gerar uma situação de competição entre os Estados, conhecida como corrida armamentista<sup>27</sup>. Tendo em vista, que essa competição pode gerar tensão ou mesmo a guerra, o controle de armas surgiria na tentativa de diminuir os níveis de tensão entre esses Estados e diminuir o Dilema de Segurança<sup>28</sup> em si.

O Dilema de Segurança de certa forma, explica como a insegurança no Oriente Médio promove nos Estados da região uma busca constante por armamentos convencionais e nucleares, que caracteriza a região como sendo um dos maiores destinos de armas do mundo. Com a competição de diversas potências nacionais, mais ou menos com a mesma capacidade de força para lançar uma ofensiva, faz com que Estados busquem se armar, essa competição impede uma potência de ganhar a supremacia sobre as demais, gerando o equilíbrio de poder.

Tanto Mearsheimer (Realismo Ofensivo) como Walt (Realismo Defensivo) são realistas estruturais, ambos compartilham a visão que a anarquia do Sistema Internacional movimenta os Estados por mais poder. Porém, eles divergem no que se refere à maximização de força. Para Walt (2011), os Estados só precisam perseguir o poder até alcançar e assegurar sua própria segurança, pois mais poder que o usual poderia causar um desarranjo no equilíbrio de poder. Conforme Mearsheimer (2001), que apresenta uma visão oposta, os Estados devem buscar uma maximização de poder, pois quanto mais poder ele tiver mais seguro será o Estado.

---

<sup>27</sup> Termo usado quando Estados competem em busca de mais armas

<sup>28</sup> Termo proposto por Herz (1950), e se caracteriza por ser resultado da busca entre dois Estados por armas, entendendo, que o outro vizinho também esta se armando, assim gerando uma insegurança.

De acordo com Mearsheimer (2001), no realismo ofensivo, o conflito é resultado da insegurança generalizada entre os Estados, a qual o faz buscar maximizar seus recursos materiais militares, com o intuito de assegurar sua própria sobrevivência acima dos outros Estados (MEARSHEIMER, 2001). No Oriente Médio a constante insegurança que ronda os países da região faz com que eles busquem nas armas uma maior garantia de segurança. Sendo assim, no Oriente médio as ameaças regionais e internacionais faz com que os países busquem se armarem para garantir a sobrevivência na região.

Conforme o Dilema de Segurança, quando Estados buscam reforçar sua estrutura de defesa, suas Forças Armadas e incrementar um aparato bélico trarão como principal consequência à insegurança de outros Estados, que se sentirão ameaçados, e no medo de serem subjugados, buscarão as mesmas medidas pra sua defesa.

De acordo com Saint-Pierre, trazendo um conceito de ameaça, esta pode ser caracterizada como uma representação, um sinal, um gesto ou uma manifestação percebida como anuncio de uma situação não desejada ou de risco para a existência de quem percebe (SAINT-PIERRE, 2007: pg. 63). Conforme apresentado anteriormente, a ameaça pode se caracterizar por alguns elementos que cumpre destacar:

#### **Quadro 1: Análise do Conceito de Ameaça**

Ameaçador	Aquele que ameaça
Sinal	Indicativos que poderia se suceder
Sinalizado	O ameaçado em posição desagradável
Receptor	Recebe e interpreta o sinal da ameaça
Ameaçado	Aspecto que se recai a ameaça

**Fonte:** (RIZZO, 2007: 65)

De uma maneira geral, a teoria realista propõe que Estados busquem o poder das armas para obter a segurança necessária. Assim, o Estado só está seguro a partir do momento que as Forças Armadas estiverem equipadas com todo o aparato necessário para lançar uma ofensiva e garantir a Defesa Nacional, nesse caso, o poder é através da força.

## 2 ONU E AS ARMAS

O início da Segunda Guerra evidenciou que a Liga das Nações tinha falhado no seu principal objetivo, que era evitar o surgimento de uma nova guerra. A ascensão de Hitler, militarização da Renânia e o rearmamento do exército alemão que o Tratado de Versalhes tinha restringido não obteve uma resposta enfática por parte dos membros da Liga.

A ausência dos Estados Unidos da Liga, a incapacidade desta em transformar-se em algo fora e acima dos Estados, o retorno da diplomacia secreta e o egoísmo dos Estados – baseado nos princípios do chamado interesse nacional – foram o cenário para o surgimento do conflito (SEITENFUS, 2008: pg. 125).

Conforme Seitenfus, a falta de ação da Liga para questões de segurança motivou a Alemanha a prosseguir com sua política de ruptura dos compromissos assumidos anteriormente (SEITENFUS, 2008: pg. 122). O golpe final à Liga das Nações foi com a própria Alemanha que desencadeou a Segunda Guerra Mundial e destruiu os propósitos da Liga das Nações.

Com o fim da guerra, de acordo com Seitenfus, os vencedores extraíram lições da derrota da Liga das Nações para criação de uma nova organização (SEITENFUS, 2008: pg. 126). A criação de uma nova instituição só seria eficaz se contasse com a aprovação de grandes potências mundiais, e não se restringissem apenas a elas, a nova organização deveria ter um alcance universal abrangendo todos os Estados (SEITENFUS, 2008: pg. 128).

A nova organização contaria com duas câmaras: uma geral e desprovida de poder real, que seria a Assembleia geral, onde todos os Estados seriam iguais. O outro órgão era restrito em sua composição, o Conselho de Segurança, onde as grandes potências vencedoras da guerra, com grande capacidade militar e com interesses generalizados, serão representadas de forma permanente (SEITEFUS, 2008: pg. 129).

Não bastava, então, fazer parte de um órgão decisório restrito. Era necessário, igualmente, que as potências pudessem controlar os rumos de suas decisões. A solução será adotada na Conferência de Ialta<sup>29</sup>. Tratava-se de diferenciar os países membros do Conselho em permanentes e transitórios. Qualquer decisão emanada deste órgão não deveria sofrer oposição de um membro permanente. Portanto, os membros permanentes deveriam agir de forma

---

<sup>29</sup> A Conferência de Ialta Reunião dos representantes dos EUA, URSS e Grã-Bretanha, que teve lugar em Ialta, na Crimeia, entre 4 e 11 de Fevereiro de 1945, com o objetivo das três potências resolverem algumas questões que permaneciam em aberto, no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, nomeadamente o futuro da Europa após a derrota da Alemanha de Hitler. De acordo com as resoluções tomadas, a Alemanha é desmilitarizada e dividida em quatro zonas ocupadas pelos Estados Unidos, URSS, Grã-Bretanha e França (SOUSA, 2005, Pag. 99).

unânime para que a decisão viesse a ser adotada. Surge assim o poder de Veto (SEITENFUS, 2008: pg. 129).

A Assembleia Geral e o Conselho de Segurança se apresentam como principais órgãos da ONU para debater, criar e decidir assuntos referentes à criação de mecanismos de negociação para um controle de armas. Sendo assim, a Assembleia Geral se apresenta como principal órgão deliberativo da ONU no que se refere a questões de Controle de Armas. O órgão busca mecanismos mais rígidos para tentar regular o comércio e a produção de armas através de acordos e convenções.

O motivo que leva a um país se armar envolve uma serie de fatores internos, como sociais, políticos, religiosos e culturais. Locais com alto nível de violência pode levar à compra de armas. Assim, o papel das organizações internacionais são muito relevante, já que a busca do equilíbrio entre o direito de armar e a desconfiança que isso gera pode levar a uma verdadeira corrida armamentista e por em risco a segurança e paz mundial (MARTINS, 2011: 55).

O Conselho de segurança através dos *embargos* apresenta uma postura mais veemente nas decisões de controle de armamento. Com os embargos o CS busca limitar o acesso a armas para países conflitantes e que ameacem a ruptura da paz e da segurança. Nas próximas linhas serão delimitados os principais mecanismos de controle de armamento.

## 2.1 ASSEMBLEIA GERAL

A Assembleia Geral da ONU apresenta-se como uma das principais câmaras da ONU para se debater a redução no níveis de armamentos de determinados países, principalmente, países envolvidos em violação dos Direitos Humanos e envolvidos em conflitos civis e insurgências.

Enquanto não for possível aos Estados resolver suas controvérsias unicamente pelos meios pacíficos estipulados na Carta, será preciso continuar a promover os esforços em busca de instrumentos eficazes para o desarmamento e controle de armamentos, tendo em vista a manutenção da segurança individual e coletiva (DUARTE, 2008: pg. 163)

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, surgiu na comunidade internacional maior busca em manter a paz e a segurança internacional, nas primeiras linhas da carta aparecem o desejo de preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra que por dois momentos, trouxe sofrimento para à humanidade (ONU, 1945).

De acordo com o artigo 11º da carta da ONU, a Assembleia Geral poderá considerar os princípios de cooperação na manutenção da paz e da segurança internacional, inclusive a os princípios que disponham sobre o desarmamento

e a regulação de armamento, e poderá fazer recomendações relativas a tais princípios aos membros ou ao Conselho de segurança (ONU, 1945).

Em 1952, a Assembleia Geral, através da sua Resolução 502 (VI) de janeiro de 1952 criou a Comissão de Desarmamento das Nações Unidas (UNDC) sob o Conselho de Segurança, com um mandato geral sobre questões de desarmamento. Ao longo dos anos, o UNDC formulou os princípios de consenso, diretrizes e recomendações sobre uma série de assuntos, que foram aprovadas pela Assembleia Geral (UNODA, 2016: Tradução nossa)<sup>30</sup>.

Essa comissão discute questões de armas, controle de armamento, desarmamento e regulação. Ela foi criada como um órgão deliberativo, com a função de examinar e fazer recomendações sobre várias questões no campo de desarmamento e de acompanhamento das decisões e recomendações da sessão especial relevante. Ele informa anualmente a Assembleia Geral os números que se referem às armas (UNODA, 2016: Tradução nossa)<sup>31</sup>.

As seguintes convenções são as principais convenções capitaneadas da ONU no campo do controle de armas convencionais.

- Convenção sobre proibição ou restrição do uso de “certas armas convencionais que podem ser consideradas excessivamente danosas ou causar efeitos indiscriminados” (1981), com 103 Estados-Parte. A Convenção possui cinco protocolos. (Entrada em vigor: 02 de dezembro de 1983)
- Convenção sobre Proibição do Uso, Armazenamento, Produção e Transferência de Minas Anti-Pessoais e sua Destruição, assinado em Ottawa em 1997, e que conta com 156 Estados-Parte.
- Tratado de Comércio de armas, responsáveis por limitar o envio de armamento para países que ferem os Direitos Humanos.

Essas convenções são os principais acordos no campo das armas convencionais, todas elas foram capitaneadas pela ONU, mais precisamente a Assembleia Geral. No decorrer da Guerra Fria houve alguns movimentos de controle de armas, mas todos eram no campo das armas nucleares, biológicas e químicas (Armas de destruição em Massa). No entanto, é relevante estabelecer que no início dos anos 80 houve um relaxamento da tensão entre EUA e URSS, e foi nesse período que começou a surgir os primeiros movimentos de controle no campo das armas convencionais.

---

<sup>30</sup> UNODA – United Nations Office for Disarmament Affairs. Disponível em: <https://www.un.org/disarmament/institutions/disarmament-commission/> Acessado em : 23 set 2016

<sup>31</sup> UNODA – United Nations Office for Disarmament Affairs. Disponível em: <https://www.un.org/disarmament/institutions/disarmament-commission/> Acessado em : 23 set. 2016

A seguir segue um breve resumo sobre as principais convenções no campo do Controle de Armamentos:

### **2.1.1 Convenção sobre proibição ou restrição do uso de “Certas Armas Convencionais”**

Convenção sobre proibição ou restrição do uso de “certas armas convencionais que podem ser consideradas excessivamente danosas ou causar efeitos indiscriminados”. A Convenção de Armas Desumanas compreende três protocolos. Os principais protocolos são o Protocolo I que proíbe o uso de qualquer arma desenhada para ferir por fragmentos que no corpo humano são indetectáveis por raios-x. Protocolo II proíbe o uso indiscriminado de minas terrestres e outros dispositivos semelhantes, bem como a sua utilização contra civis ou populações civis.

### **2.1.2 Tratado de Ottawa**

É um tratado multilateral que proíbe a utilização, produção, aquisição, armazenamento e transferência de minas anti-pessoal, bem como a assistência ou incentivo de outras pessoas para se engajar em tais atividades.

As Partes da Convenção são para limpar campos minados existentes dentro de dez anos após a entrada em vigor do Tratado, e destruir todas as suas minas anti-pessoais. Os campos minados são aquelas áreas sob a jurisdição ou controle de um partido em que são conhecidas minas ou suspeita de existir. Essas áreas devem ser marcadas, monitoradas e protegidas até que todas as minas terrestres sejam removidas e destruídas, as partes são também instados a apoiar-se mutuamente no cumprimento das suas obrigações no âmbito do tratado.

### **2.1.3 Tratado de Comércio de Armas**

O tratado foi aderido e ratificado por cerca de 50 países, alguns dos maiores exportadores de armas aderiram o tratado, desses os Estados Unidos assinaram mas não ratificaram e a Rússia não aderiu ao tratado. As ONG's estão pressionando os países para aderirem o tratado, porém alguns países temem que a adesão traga um déficit na economia de seus Estados.

Os membros permanentes do CSONU possuem o objetivo de garantir a paz e a segurança internacional, desviando pra armamento o mínimo de recursos possíveis. Assim, existe uma crítica por parte da Anistia Internacional, principalmente, a países como a Rússia,

que não aderiu ao tratado e é acusada de colocar interesses comerciais na frente da garantia da paz.

## 2.2 CONSELHO DE SEGURANÇA E OS EMBARGOS

O Conselho de Segurança da ONU é composto pelos quatro países vencedores da 2ª guerra mundial (Estados Unidos, Rússia, França e Grã-Bretanha) mais a China, o órgão é responsável pela garantia da paz e por manter a segurança mundial. O conselho é dividido em cinco membros permanentes, que detém o poder de vetar qualquer decisão que seja tomada no conselho e por 10 membros não-permanentes, que não tem poder de veto e são rotativos.

Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas – China, França, Rússia, Reino Unido e os EUA – são responsáveis por mais da metade do comércio global de armas convencionais, no valor total de quase US\$ 100 bilhões anuais (Anistia Internacional, 2013)<sup>32</sup>

De acordo com Martins (2011), existe uma grande necessidade de buscar a paz mundial e a segurança internacional, porém, ao mesmo tempo, se busca também uma intensa demanda por armas. Com isso, surge um paradoxo, pois à medida que se busca a paz e a segurança também se buscam um fortalecimento armamentista por parte dos Estados a fim de manter tanto a segurança interna como a externa (MARTINS, 2011).

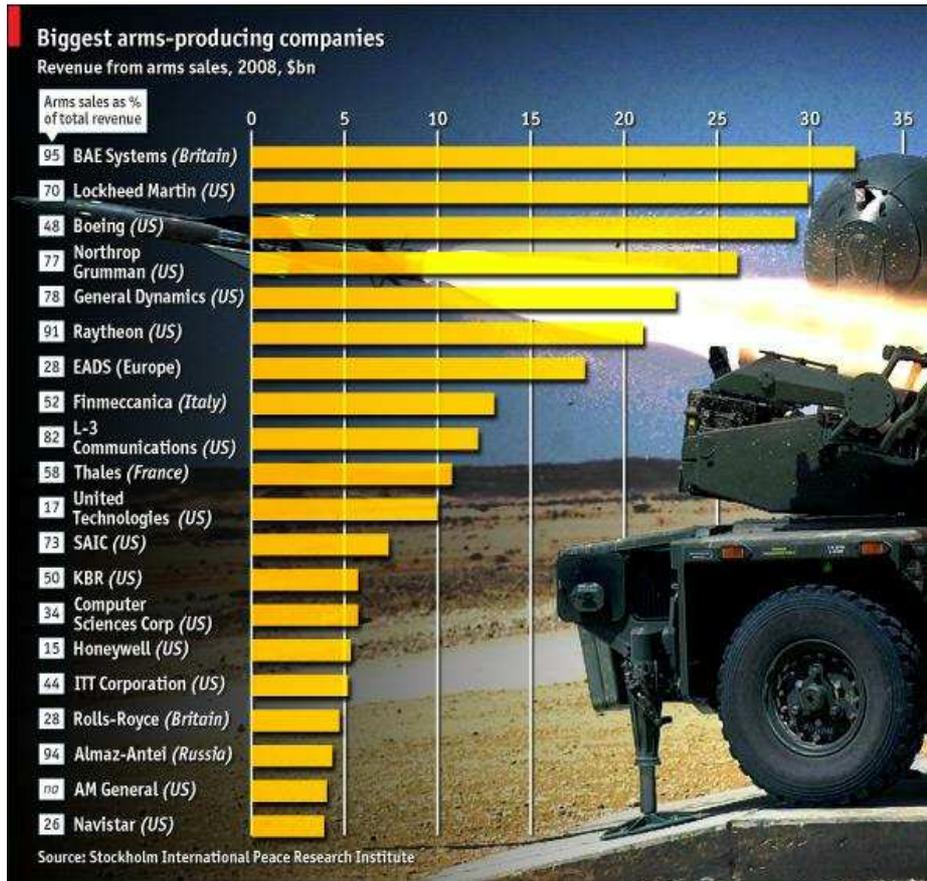
Na verdade, cada Estado precisa de uma pequena garantia de segurança mínima, mas a desconfiança que a aquisição ou produção de armas por parte de um Estado provoca perante a comunidade internacional é absorvida pelo o outro Estado da pior maneira, gerando a insegurança regional. Essa busca constante por armamentos é conhecida como Dilema de Segurança, este foi apresentado nas paginas iniciais da pesquisa.

De acordo com a Anistia Internacional (2013) os detalhes comerciais são muitas vezes envoltos em segredo, mas o valor do comércio internacional de armas convencionais é estimado em US \$ 100 bilhões anualmente. Conforme os estudos da Control Arms, cerca de 90 de 100 empresas produtoras de armamento no mundo estão localizadas em países industrializados, algumas destas armas sustentam conflitos nas mais diversas partes do mundo.

### **Figura 1: Biggest Arms- producing companies**

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://anistia.org.br/noticias/apelo-potencias-mundiais-para-que-apoiem-um-tratado-de-comerciode-armas-mais-robusto/> Acesso em: 16 set. 2016.



Fonte: SIPRI, Biggests Arms – producing companies. 2008<sup>33</sup>

Segundo a SIPRI, as principais indústrias e companhias de armas são localizadas no território das principais potências mundiais, mesmo as indústrias que possuem a produção e montagem em vários países ao redor do mundo, as sedes são localizadas em países como os Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Itália, logo, o lucro das vendas voltam todos para esses países de origem.

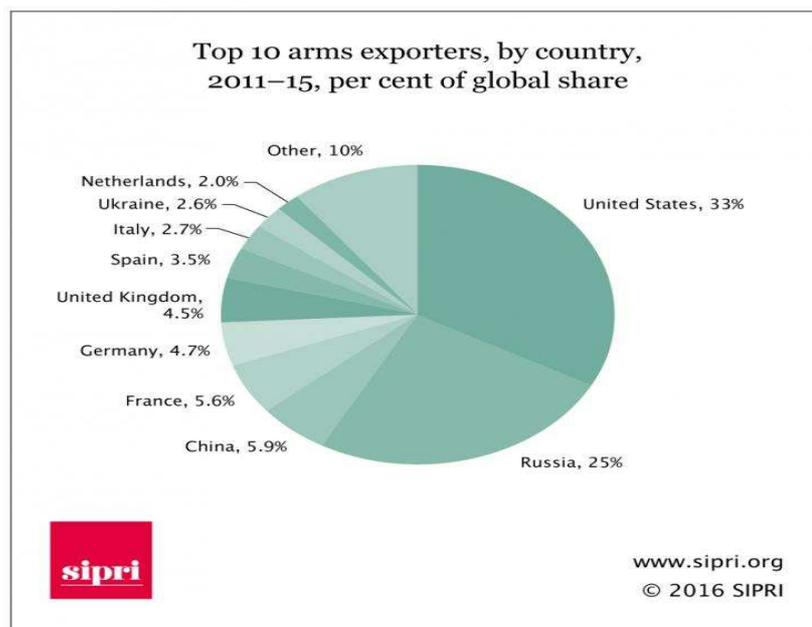
De acordo com o artigo 26 da carta das Nações Unidas, se propõe a ideia de desviar para armamentos apenas o mínimo de recursos econômicos e humanos do mundo (ONU,1945). No artigo 11 da carta é proposto o estabelecimento de uma comissão de Estado Maior que será destinada a orientar o CSONU, em todas as questões que remetem as exigências militares do mesmo conselho, para manutenção da paz e da segurança internacional, utilizando as forças colocadas a sua disposição, regulamentação de armamento e possível desarmamento (ONU, 1945).

<sup>33</sup> Disponível em: <https://rogeriojordo.wordpress.com/2010/04/15/quem-sao-os-maiores-fabricantes-de-armas-do-mundo/> Acesso em : 14 set. 2016.

A maioria das ofertas são realizadas por empresas industriais e comerciais, prestadores de serviços militares, corretores de armas e negociantes, mas são os governos que têm o dever de proteger as suas populações. Apenas os Estados podem controlar o comércio pela concessão ou recusa de licenças, e apenas os Estados podem proibir certos tipos desumanos de armas e impor embargos e suspensões de armas. Infelizmente, esses governos nem sempre correspondeu às suas obrigações (Anistia Internacional, 2013, Tradução Nossa).

Conforme a Anistia Internacional explica, os maiores exportadores de armas são potências consolidadas, que possui um grande aparato militar e uma grande capacidade de lançar uma ofensiva contra outros Estados (2013). A seguir os maiores exportadores de armas, em ordem:

**Figura 2: Top 10 Arms Exporters**



Fonte: SIPRI, Top 10 arms exporters<sup>34</sup>

Na tabela anterior, apresenta-se que o maior exportador mundial de armamento é os Estados Unidos com cerca de 33% das exportações mundiais. A Rússia, segunda colocada, apresenta cerca de 25% das exportações mundiais de armamentos. Em seguida, apresenta-se a China com 5,9% , França com 5,6%, Alemanha com 4,7 e Reino Unido com 4,5% das exportações armamentistas. As exportações Russas e Americanas juntas superam mais da metade das produções dos outros países exportadores de armas.

<sup>34</sup>Disponível em: <https://www.sipri.org/research/armament-and-disarmament/arms-transfers-and-military-spending/international-arms-transfers> Acesso em:25 abr 2016.

De acordo com o relatório da SIPRI esses países exportam armas para as mais diversas regiões do planeta, esse enorme percentual de armas exportado por esses países são responsáveis por municiar governos repressivos que massacram civis e causam mortes e situações de violência em varias regiões conflituosas. Conforme dados da Anistia Internacional<sup>35</sup> (2013), os maiores produtores são:

- China que tem fornecido munições e armas de pequeno porte para o Sudão, onde eles são usados pelas forças de segurança e milícias em Darfur, bem como ao Sul do Sudão e na RDC.
- A França que forneceu armas para a Líbia sob o al-Gaddafi, Egito, Israel e no Chade, e da Síria entre 2005 e 2009.
- 10% de todas as exportações de armas russas são acreditados para ir para a Síria, tornando-se o maior fornecedor de armas da Síria. Ele também forneceu helicópteros para o Sudão e está definido para ser um grande exportador de equipamento militar para o Egito.
- O Reino Unido forneceu armas para países com comportamentos de alto risco quando se trata de violações dos direitos humanos, tais como Sri Lanka.
- Os EUA têm fornecido armas para mais de 170 países. Ele restringiu transferências de armas para Myanmar, China, Sri Lanka e Zimbábue, mas não tomou as mesmas precauções contra o Iraque, Israel, Sri Lanka, Bahrein, Egito e Iêmen.

Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas são os maiores exportadores de armas do mundo, esses países podem ser esperados para garantir a segurança internacional? Conforme o artigo 51 da Carta das Nações Unidas, reconhece a todos os Estados o direito a legítima defesa individual ou coletiva (ONU, 1945). Sendo assim, todos os Estados da comunidade internacional devem garantir a segurança interna e externa, e para isso, eles buscam nas armas convencionais a segurança necessária para uma possível situação de insurgência interna ou mesmo guerra.

A todos os Estados o uso de certas armas convencionais para uso recreativo, cultural e histórico, a posse e o uso são permitidos por lei, inclusive a Constituição dos Estados Unidos, mais precisamente, a segunda emenda constitucional protege o direito do povo a portar e manter armas. Na Rússia, atualmente existem leis que garantem a posse de armas por parte

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/what-we-do/arms-control/> Acesso: 28 abr. 2017.

dos cidadãos, que serão autorizados a transportar em legítima defesa, as armas incluem pistolas, revólveres e espingardas (PORTER, 2014)<sup>36</sup>

Sendo necessária à segurança de um Estado livre a existência de uma milícia bem organizada, o direito do povo de possuir e usar armas não poderá ser infringido (Estados Unidos, Constituição: 1788).

Teoricamente, em uma perspectiva realista, a questão ética dos Estados ocupa um lugar reduzido, uma vez que, por sobrevivência os Estados poderiam quebrar qualquer acordo e desobedecer qualquer regra moral. De acordo com Mearsheimer (2001) os Estados temem uns aos outros, na medida em que entendem que as intenções de outros Estados não são bem vistas. Os Estados sempre que cooperam, essas cooperações tendem a ser de curta duração, pois o medo do outro e o desejo de hegemonia e de segurança somada a necessidade de sobrevivência, cria conflitos no sistema (MEARSHEIMER, 2001).

Com a desintegração da URSS, a Rússia (Ex-URSS) diminuiu seu campo de influência na região do Oriente Médio, porém, atualmente a Rússia começa a desempenhar um papel mais estratégico na região. O país busca uma barreira estratégica para conter a influência americana no Oriente Médio. Contudo, os EUA formularam uma nova política para a região, pois o Iraque fugia ao controle (FAY, 2003, p.73).

A guerra entre Irã e Iraque teve grande importância, pois foi decisiva na remobilização de forças, justificou o orçamento militar norte-americano e conservou suas bases militares planetárias. A Guerra do Golfo, em 1991, salvou o complexo militar-industrial dos EUA, inquieto frente à perspectiva de uma ampla desmobilização decorrente da derrocada da URSS (FAY, 2003, p.73).

De acordo com Mearsheimer (2001), no realismo ofensivo, o conflito é resultado da insegurança generalizada entre os Estados, a qual o faz buscar maximizar seus recursos materiais militares, com o intuito de assegurar sua própria sobrevivência acima dos outros Estados (MEARSHEIMER, 2001).

Na lógica realista, o crescimento de um Estado em uma determinada região pode se considerar uma ameaça aos demais, esse crescimento pode gerar insegurança para os Estados vizinhos, ou seja, quando Estados buscam reforçar sua estrutura de defesa, suas Forças Armadas e incrementar um aparato bélico, trará como principal consequência a insegurança de outros Estados, que no medo de serem subjugados, buscarão as mesmas medidas pra sua

---

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.ibtimes.co.uk/russia-legalises-guns-self-defence-murder-rates-among-highest-world-1475681> acesso em: 19 set. 16

defesa, esse processo é conhecido como o dilema de segurança<sup>37</sup> (HERZ, 1950, tradução nossa).

O Dilema de Segurança, de certa forma, explica como a insegurança no Oriente Médio promove aos Estados da região uma busca constante por armamentos convencionais, e caracteriza a região como sendo um dos maiores destinos de armas do mundo. Com a competição de diversas potências nacionais, mais ou menos com a mesma capacidade de poder ou de lançar uma ofensiva, assim, a competição, faz com que impeça uma potência de ganhar a supremacia sobre as demais, como consequência se cria um equilíbrio de poder.

Quando existe uma ameaça eminente à segurança internacional o CSONU aplica os embargos, essa é uma das formas que o CSONU tenta barrar a entrada de armamentos em países envolvidos em conflitos. Os Embargos são sanções internacionais que a ONU impõe para países que estão envolvidos em conflitos armados e que violam os direitos humanos, os países do Conselho de Segurança são os responsáveis por impor os embargos aos países.

O Conselho de Segurança decidirá sobre as medidas que, sem envolver o emprego de forças armadas, deverão ser tomadas para tornar efetivas as suas decisões e poderá instar os membros das Nações Unidas a aplicarem tais medidas. Estas poderão incluir interrupção completa ou parcial das relações econômicas, dos meios de comunicação ferroviários, marítimos, aéreos, postais, telegráficos, radioelétricos, ou de qualquer espécie, e rompimentos das relações diplomáticas (ONU, 1945).

Os embargos de armas e a cessação da assistência militar são um dos tipos de sanções militares, os embargos de armas possuem uma característica de embargo de comércio, porém tem como foco apenas sobre o setor de armamento, com o objetivo de gerar efeitos imediatos sobre a capacidade de sustentar o esforço de guerra (BAUMBACH, 2014, p.24). Os embargos são impostos para países que estão envolvidos em conflitos ou que apresente uma clara ameaça à segurança internacional.

É importante salientar que o Comércio de armas, demonstra ser um empecilho aos processos de paz da ONU, porque a mesma organização que envia as missões de paz para construção, prevenção e promoção da paz em diversas regiões, é a mesma que não tem instrumentos suficientes que limitem efetivamente a importação de armas por países envolvidos em conflitos, ou seja, em certo ponto compromete as missões de paz.

Para o sucesso dos processos de paz é necessário impedir que grupos/indivíduos já desarmados possam novamente ter acesso a armas e que

---

<sup>37</sup> Quando um Estado se sente ameaçado, ele investe em armas, o que faz, em determinado prazo, com que os Estados ao seu redor se sintam igualmente ameaçados, de forma que eles também investem em armamentos

grupos/indivíduos armados continuem a se armar; caso contrário, os esforços empreendidos no desarmamento – e no processo de paz como um todo – podem se mostrar inócuos ou requererem um tempo maior do que seria necessário caso existissem controles efetivos sobre os fluxos de armas (MORAIS, 2011)

O CSONU é responsável pela autorização de tropas (Nacionais/Regionais) para as missões de paz, que tem como objetivo:

A prevenção de conflitos por meio da diplomacia (preventive diplomacy), a manutenção da paz (peacekeeping), a promoção da paz (peacemaking), a sua imposição (peace enforcement) ou a sua construção (peace building) (MORAIS, 2011)

Os capacetes azuis, como são designados, são responsáveis pela política de desarmamento dessas áreas conflituosas. Embora não exista uma relação direta do conflito armado com o aumento do número de armas, a falta dela faz com que os grupos envolvidos no conflito percam condições materiais para sustentarem o suas ações, sendo assim, é relevante para o Sistema Internacional um maior controle dos fluxos de armas para regiões envolvidas em conflitos armados, como exemplo o Oriente Médio.

### 3. O GRANDE ORIENTE E A PRETENSÃO RUSSA

O Oriente Médio é uma região que por muito tempo sofreu das mais diversas invasões, pelo fato de se localizar em uma área estratégica do mundo na divisa de dois continentes. Essa localização sempre foi disputada entre as potências ocidentais, que financiavam conflitos armados na região para escoar as armas produzidas em indústrias nacionais e tentar manter um equilíbrio regional, através de bases na região.

Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos e URSS fizeram da região um campo de batalha, onde as potências disputavam as zonas de influência na região e também entravam em conflitos ideológicos entre os sistemas, pelo fato de estarem em Guerra Fria<sup>38</sup>. As potências financiavam conflitos internos dos países e conflitos com os países vizinhos através do fornecimento de armas.

A tensão na região aumentou quando a Grã-Bretanha, que era aliada dos Estados Unidos, começou a perder influência na região do Oriente Médio, com isso, os americanos temeram que essas áreas sejam tomadas pelos soviéticos (EUA. Departamento de Estado, 2012, p.291).

[...] a região merece a preocupação global, em virtude de ser a encruzilhada de três continentes que constituem 57% da superfície terrestre e possuem 81% da sua população. A sua importância geoestratégica é incontestável: para a Europa é a rota direta para a Ásia Meridional, para a Rússia é o cobiçado acesso a mar aberto e para os Estados da Ásia Central é a avenida comercial mais favorável para o mundo exterior. Além disso, por acidente da Geografia, o Oriente Médio é a região mais rica do mundo em reservas conhecidas de petróleo. Juntamente com a Rússia, é uma das mais ricas em gás natural (SANTOS, 2009, pg. 10).

Segundo Santos, a economia de muitos países da região está vinculada a extração e ao refino do petróleo, em alguns países, essa é a única fonte de lucro, já que o Oriente Médio é uma região deserta que tem como único recurso valioso o petróleo. É uma região geopoliticamente disputada pelas Potências mundiais, pelo fato de ser grande produtora de petróleo e também pelo fato de se localizar em uma área geopoliticamente estratégica (SANTOS, 2009: pg. 10).

A região que detém uma das maiores reserva de Petróleo do planeta, teve nesta valiosa reserva as principais causas dos conflitos entre os países da região (FUSER, 2005, p.38). Movido em grande parte pelo interesse no petróleo, o governo Reagan interveio no

---

<sup>38</sup> EUA, Departamento de Estado. Um esboço da História Americana, 1. ed. Washington,: Escritórios de Assuntos Públicos, 2012

Oriente Médio com mais intensidade e frequência do que qualquer um dos seus antecessores (FUSER, 2005, p.193).

A eclosão da guerra entre o Irã e o Iraque, em setembro de 1980, apresentou um novo dilema aos EUA. A Doutrina Carter tinha sido apresentada, em janeiro, com o objetivo declarado de combater uma “força externa” (isto é, a União Soviética), que ameaçasse o acesso ocidental às reservas de petróleo do Golfo Pérsico (FUSER, 2005, p.188).

De acordo com o Departamento de Estado dos EUA, o dilema enfrentado pelos americanos na região era muito relevante, pois havia a necessidade de manter boas relações com Israel e os inimigos de Israel (EUA, Departamento de Estado, 2012, p.291).

[...] A importância estratégica da região como fornecedora de petróleo tinha sido uma das razões para empurrar os soviéticos para fora do Irã em 1946. Mas dois anos mais tarde, os Estados Unidos reconheceram oficialmente o novo estado de Israel, 15 minutos depois de ter sido proclamado - uma decisão que Truman tomou apesar de grande resistência de Marshall e do Departamento de Estado. O resultado foi um dilema permanente: como manter laços com Israel e ao mesmo tempo ter boas relações com os Estados árabes (ricos em petróleo) implacavelmente contra Israel (EUA, Departamento de Estado, 2012, p.291).

No Oriente Médio, uma das principais discordâncias entre as duas potências foi quanto à tutela do Afeganistão, o período era o auge da Guerra Fria, o conflito foi iniciado quando uma parte do exército afegão aderiu aos soviéticos, que tinha influência soviética, ele depõe o rei e impõem um regime no país, promovendo uma série de liberalizações sociais, religiosas e agrárias (SALIBA, 2009, p. 388).

Em oposição o governo americano começa a treinar no país vizinho, o Paquistão, os Mujahideens, para enfrentar o regime no país vizinho, o conflito durou de 1979 até 1989 quando o regime é enfraquecido pela crise da ex-URSS no qual foram obrigados a tirarem as tropas de Cabul, pelo fato de não haver mais financiamentos de recursos e de armas (SALIBA, 2009, p. 389).

Ainda no Oriente Médio, em 1979 mais uma vez o equilíbrio da região foi comprometido, um dos aliados americanos no Oriente Médio foi deposto por um levante popular, que derrubou a realeza do país no Irã, e o grupo Aiatóla<sup>39</sup> são levados ao poder sobre influência dos *Xiitas*, no conflito entre o Irã e o Iraque, os EUA não intervieram diretamente.

Eles utilizaram o Iraque para conter o Irã, a guerra Irã-Iraque durou oito anos e tinha como objetivo central o enfraquecimento do inimigo. Os EUA passaram a apoiar o Iraque na

---

<sup>39</sup> Entre os muçulmanos xiitas, alto dignitário na hierarquia religiosa.

tentativa de conter o crescimento do poder dos aiatolás do Irã na região (FAY, 2003, p.69). Essa relação entre Iraque-EUA favoreceu bastante o Iraque, que teve acesso ao apoio militar por parte dos americanos, que forneciam suprimentos, exército e armas para o até então “aliado”.

O Iraque resolve invadir o Kuwait para tomar posse do controle do petróleo na região do golfo, a invasão teve como objetivo conseguir resolver problemas econômicos adquiridos na guerra contra o Irã, pois o Iraque alegava que a criação do Kuwait era uma criação artificial da época colonial e este não poderia ser considerado um Estado Independente (NYE, 2009, p. 231). Os Estados Unidos resolve invadir o Iraque com o apoio da Arábia Saudita, onde os Estados Unidos tinha uma base militar na região, que dava acesso os países do Oriente Médio ( FAY, 2003, p.69).

Com a dissolução da URSS a ajuda a países do Oriente Médio foi cortada e muitos países que dependiam da Ex-URSS entrou em colapso. A saída da ex-URSS foi tida como vitória dos Estados Unidos que combatiam a influências soviéticas no Golfo Pérsico, importante região produtora de petróleo, com isso, a URSS começou a se desintegrar e mais a frente deixou de existir (NYE, 2009, p.170).

Atualmente, a Rússia vem desempenhando uma papel muito relevante no Oriente Médio, ela é aliada das forças do governo de Bashar al Assad, que vem tentando se manter no poder da Síria. A Rússia é aliada da Síria antes mesmo do conflito civil, ela fornece armamento pesado para as forças do governo, assim, ela busca manter o poder nas mãos de Bashar al Assad.

A presença russa no Oriente Médio e Ásia Central tem encontrado bastante respaldo em uma teoria/filosofia conhecida como Eurasianismo. Essa teoria difundida na Rússia, atualmente, tem ganhado alguns adeptos, pois explica muito sobre as relações internacionais que a Rússia vem adotando em relações aos países como Irã, Síria e Turquia (Dugin, 2014).

O termo “eurasianismo” surge, pela primeira vez, no século XIX, cunhado pelo movimento eslavófilo que buscava juntar a rica diversidade da Eurásia, em uma espécie de outra via que não a europeia ou asiática, e que juntasse a cultura e tradição da Ortodoxia e da Rússia (Dugin, 2014).

Nos primórdios, os primeiros estudiosos da teoria buscavam estabelecer uma identidade russa, eles não se consideravam europeus e negavam qualquer ideia de integração com a Europa. Em relação à geografia, os autores do Eurasianismo não consideravam a Rússia como parte da Europa, mas também não consideravam como parte da Ásia, pra eles a Rússia era um continente aparte (DUGIN,2014).

Segundo 71% dos cidadãos russos pesquisados, a Rússia pertence a uma civilização peculiar 'eurasiática' ou Ortodoxa -, portanto ela não segue o modo ocidental de desenvolvimento. Apenas 13% considera a Rússia como parte da civilização ocidental (Dugin, 2014)<sup>40</sup>

Atualmente, a teoria do Eurasianismo ressurgiu com outra roupagem, o Eurasianismo de Aleksander Dugin<sup>41</sup>, apesar de manter certas características do anterior, ele ressurge nas relações internacionais como a proposta de geopolítica da Rússia.

A ideia eurasiática é uma estratégia de escala global que reconhece a objetividade da globalização e o fim dos "estados-nações" (Etats-Nations), mas, ao mesmo tempo oferece um cenário de globalização que não implica em um mundo unipolar ou em um governo global unificado. Em vez disso, ela oferece várias zonas globais (pólos) (DUGIN, 2014)

De acordo com Dugin (2014) as principais características do Eurasianismo são: (1) Geograficamente incluem todas as regiões do mundo excetuando o ocidente, (2) Estratégica e militarmente é a união de todos os países que não aceitam as políticas de expansão dos EUA e OTAN, (3) Culturalmente são a preservação dos costumes, tradições culturais, religiosas e étnicas, (4) Socialmente representa formas diferentes de vida econômica e a sociedade socialmente justa.

O Eurasianismo surge como alternativa à Globalização. Os processos de globalização atual representam uma espécie de expansionismo dos EUA e de seus aliados da OTAN (DUGIN, 2014). A globalização se apresenta ao mundo como imposição do paradigma Atlantistas<sup>42</sup>. Na visão eurasiática, a Globalização seria uma espécie de propagação dos ideais Atlantistas para o mundo, ou seja, seria a difusão dos modelos econômico, cultural e liberal dos EUA. Portanto, o Eurasianismo seria uma alternativa ao modelo de globalização atual.

A globalização é um fenômeno unidimensional e unilateral que tenta universalizar o ponto de vista ocidental (anglo-saxão, americano) de como melhor gerenciar a história humana. É a unificação em um só sistema (frequentemente associada à supressão e à violência) de diferentes estruturas nacionais, sócio-políticas, étnicas e religiosas. É uma tendência histórica da Europa ocidental que alcançou seu auge através do domínio dos Estados Unidos da América (DUGIN, 2014).

<sup>40</sup> Pesquisa pela VCIOM, Centro Panrusso para o Estudo da Opinião Pública, 2-5 de Novembro de 2001

<sup>41</sup> Alexander Dugin pode ser caracterizado como geopolítico, filósofo, cientista político e sociólogo. Ele é também considerado um importante jornalista e analista político. [...] É preciso enfatizar sua grande influência no pensamento geopolítico russo pós-soviético. Seu pensamento de que a geopolítica é não somente uma ciência, mas possui muito de ideologia tem tido muita influência.

<sup>42</sup> Atlantismo – termo geopolítico significando:

- sob o ponto de vista histórico e geográfico, o setor ocidental da civilização mundial;
- sob o ponto de vista estratégico-militar, os países membros da OTAN (em primeiro lugar, os EUA).

Esse novo modelo de globalização, Eurasianismo, surgiria a partir da junção de pressupostos de Haushofer e Mackinder. Para defender o mundo da unipolaridade proporcionada pela Globalização, de Haushofer, é retirada a ideia de pan regiões e é delineado um novo modelo de globalização multipolar, que são divididos em quatro zonas meridionais: a zona Anglo-Americana, a Zona Euro-Africana, a zona Rússia-Ásia Central e a Zona do pacífico (DUGIN, 2014).

Do Mackinder é retirada a ideia de que quem domina o coração da Eurásia domina o mundo. Assim, defendem também que a Rússia é o coração da Eurásia e representa o centro das forças terrestres (eurasianistas) em luta contra as forças marítimas (atlantistas) guiadas pelos EUA (DUGIN, 2014).

A Rússia, para dominar o imenso espaço da zona meridional Rússia - Ásia Central, precisa, no âmbito interno, originar um Estado com diversas etnias e religiões, bem como, no plano externo, organizar-se por meio de alianças, com a elaboração de projetos especiais como o pan-europeu com a Alemanha, o pan-árabe com o Irã e pan-asiático com o Japão (DUGIN, 2014).

É relevante estabelecer que a proposta de Globalização do Eurasianismo não implica em um mundo unipolar, ela sugere que a terra seja dividida em Zonas/Polos para assim haver uma globalização multipolar.

### **Figura 3: Map of Multipolar World. Four Zones**



Map of multipolar world. Four zones - four poles

Fonte: Dugin, 2014

No projeto eurasiático, essas Zonas meridiana consistem em grandes espaços, cada um com sua liberdade, relativa, independência, mas estão estrategicamente integrados em uma zona meridiana (DUGIN, 2014).

A União Europeia e o grande espaço árabe, que integra a África do norte e trans-saariana e o Oriente Médio, formam a **Euro – África**. A zona meridiana do **Pacífico** é determinada por um condomínio de dois grandes espaços (China e Japão) e também inclui Indonésia, Malásia, e as Filipinas. A **zona meridiana americana** consiste nos grandes espaços da América do Norte, Central e canadense-americano (DUGIN, 2014).

A zona **Rússia-Ásia Central** é formada por três grandes espaços: (1) Federação Russa ao lado de diversos países da CEI - membros da União Eurasiática; (2) Islã continental (Turquia, Irã, Afeganistão, Paquistão). Os países asiáticos da CEI interseccionam essa zona; (3) Hindustão, que é um setor civilizacional autônomo (DUGIN, 2014).

Teóricos do Atlantismo, com base no Eurasianismo, costumam possuir uma outra visão acerca das zonas meridiana, para eles as Zonas podem ser entendidas como sendo: a Zona Americana somada a Zona Euro-África, que possuem uma ligação em comum por

serem Ocidente, mais precisamente, por serem aliadas na OTAN. A zona meridiana do pacífico, na verdade, seria uma zona muito fácil de coagida a jogar do lado dos americanos.

A última zona meridional, que é a zona Rússia-Ásia central, seria uma contrabalança para zona americana, pois a existência da quarta zona é um grande obstáculo para os interesses dos americanos, pois a presença ou a ausência dessa zona muda radicalmente à geopolítica no mundo.

A integração, russa-asiática, proporciona a Rússia a viabilidade de implementar relações no eixo Moscou-Teerã. Sendo umas das principais potências dessa Zona meridional, a união de ambas as potências proporciona potenciais econômicos, militar e político na zona meridional (DUGIN, 2014). É relevante estabelecer que Rússia e Irã são aliadas do Governo de Bashar al Assad, assim uma aliança entre elas promoveria uma maior apoio militar, principalmente, no que concerne armas e munições para a Síria.

Diversos Estados expressaram, todavia, seu interesse em fornecer suporte militar aos rebeldes sírios, especialmente diante da contínua venda de armamentos da Rússia para o regime sírio, em acréscimo ao apoio iraniano. Do lado dos Estados Unidos, tanto a Casa Branca quanto o Departamento de Estado afirmaram que podem vir a considerar “medidas adicionais” em resposta à situação na Síria, sem descartar apoio militar aos rebeldes (GARCIA,2012).

É relevante compreender que a Rússia é a segunda maior produtora de armas do mundo, assim, essa produção logo é evacuada para países que estão envolvidos em conflitos armados, insurgências ou mesmo guerra. Portanto, a Rússia pode não ter só interesses estratégicos na região, mas pode encontrar no conflito sírio a possibilidade de movimentar sua produção armamentista, e lucrar bastante neste comércio de armas.

### **3.1 O COMÉRCIO INTERNACIONAL DE ARMAS**

O Comércio Internacional de armas é um comércio bastante lucrativo, seguido pelo tráfico de drogas e prostituição, essa modalidade de comércio movimentam bilhões através da compra e venda de armas lícitas e ilícitas. Os atores envolvidos na comercialização apresentam não só interesses comerciais, mas também interesses políticos, estratégicos e econômicos.

O comércio mundial de armas é composto por três elementos diferentes: (1) o comércio de principais sistemas tais como aviões de combate, tanques e navios de guerra; (2) o comércio de armas pequenas e leves, de AK-47 ao ombro-disparados mísseis ; e (3) o comércio de itens "dupla utilização" com tanto civis como aplicações militares, incluindo tudo, desde espingardas e

desarmado helicópteros para equipamentos que podem ser utilizados para fabricação nuclear, químicos e biológicas (WILLIANS, 2008: pg. 346)

Essa modalidade de Comércio movimentada tanto o plano interno do Estado, quanto o plano externo, pois em alguns países o comércio e a posse lícita como também os usos de alguns tipos de armas em eventos recreativos, culturais, históricos e desportivos são permitidos por lei<sup>43</sup>. É importante salientar que os países que lidam com esse “Comércio da Morte” não são países em desenvolvimento, são potências já consolidadas que movimentam suas indústrias armamentistas para escoar a produção de armas para países envolvidos em conflitos.

Em princípio o comércio de armas visa atender três finalidades: política, militar e econômica. Essas finalidades desdobram-se frente às necessidades de defesa da soberania, da garantia de domínio sobre a região ou mesmo do fato de um vizinho se armar. A questão da violência interna, do equipamento das forças policiais e, sobretudo, do combate à criminalidade armada dentro do território também justifica uma demanda por armas (MARTINS, 2011).

Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas – China, França, Rússia, Reino Unido e os EUA – são responsáveis por mais da metade do comércio de armas convencionais, eles fornecem armas para municiar governos repressivos que massacram civis e causam mortes e situações de violência em países envolvidos em conflitos, tendo em vista que a Paz e a Segurança são pilares das ONU, o ato de membros do conselho vender armas para países conflituosos poderia soar como uma atitude a ser questionada diante do Sistema Internacional.

No decorrer da história, os Estados têm sido construído, sustentados e sobrevivido meio a guerras, e seria meio que ingênuo pensar em um mundo sem armas, ou Estados desarmados, que geraria uma insegurança. Cada Estado precisa de certo grau de segurança mínimo, seja interno ou externo, e só as armas podem trazer a segurança necessária para o Estado. Ou seja, o Comércio de armas é algo lícito, que encontra respaldo na própria natureza do Estado, cuja a expressão máxima está na sua soberania (MARTINS, 2011: 54).

Atualmente, de acordo com o relatório divulgado pela SIPRI<sup>44</sup>, as principais potências do mundo se configuram como os que possuem um maior volume de transferências armamentista entre o período de 2011-2015 (SIPRI, 2016, Tradução nossa).

---

<sup>43</sup> Leis na Rússia e a segunda emenda da constituição americana.

<sup>44</sup> Disponível em: <http://books.sipri.org/files/FS/SIPRIFS1602.pdf> acesso em: 27 set. 2016

O comércio de grandes armas convencionais é o mais conhecido, mais lucrativo e dos elementos do negócio global de armas mais monitorado. Os principais Estados que fabricam armas são os EUA, Rússia, Reino Unido, França e China - os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU - em geral controle entre dois terços e três quartos de todas as vendas de armas globais em um determinado ano (WILLIANS, 2008: pg. 346).

O gráfico a seguir apresenta os principais exportadores de armas, que foram os Estados Unidos, Rússia, China, França e Alemanha, sendo assim, essas potências possuem acordos de armas com as mais diversas partes do planeta, essas armas incluem armas de pequeno porte, explosivos, tanques, aviões de guerra e missões com grande capacidade de destruição.

**Tabela 1:** The arms exports from the top 10 largest exporters, 2010-2015

TIV of arms exports from the top 10 largest exporters, 2010-2015									
Generated: 15 September 2016									
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.									
Figures may not add up due to the conventions of rounding.									
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m									
For more information, see <a href="http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background">http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background</a>									
Source: SIPRI Arms Transfers Database									
Rank 2010-2015	Rank 2009-2014	Supplier	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2010-2015
1	1	United States	8098	9104	9163	7687	10470	10484	55006
2	2	Russia	6172	8695	8480	8107	5468	5483	42404
3	4	China	1496	1338	1728	2055	1360	1966	9943
4	3	Germany (FRG)	2745	1349	816	722	1785	2049	9467
5	5	France	898	1752	1025	1511	1734	2013	8932
6	6	United Kingdom	1151	1040	934	1645	1644	1214	7627
7	7	Spain	263	1429	546	732	1062	1279	5310
8	8	Italy	516	918	746	867	743	570	4360
9	9	Ukraine	470	553	1464	689	657	323	4156
10	10	Israel	686	588	481	414	400	710	3280
		Others	3361	3474	3292	2853	2748	2535	18263
		Total	25857	30239	28673	27282	28070	28626	168747

Fonte: SIPRI. SIPRI Trend Indicator Values: 2016<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Disponível em: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php> Acesso em: 27/09/2016.

É importante ressaltar, que na tabela anterior, as exportações de armas possuem uma ascendência no número de armas que são produzidas e enviadas para os destinatários. No entanto, em 2013, houve uma leve queda devido à assinatura do Tratado de comércio de armas, este que busca uma regulamentação ao envio de armas para regiões tensionadas. Assim, após esse ano os números de armas exportadas pelos principais potências ao invés de cair, aumentou.

Tabela 2: The arms imports to the top10 largest importers, 2010 -2015

TIV of arms imports to the top 10 largest importers, 2010-2015										
Generated: 15 September 2016										
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.										
Figures may not add up due to the conventions of rounding.										
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m										
For more information, see <a href="http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background">http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background</a>										
Source: SIPRI Arms Transfers Database										
Rank 2010-2015	Rank 2009-2014	Recipient	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2010-2015	
1	1	India	3017	3706	4545	5291	3487	3078	23124	
2	2	Saudi Arabia	1070	1237	1080	1672	2782	3161	11002	
3	3	China	1045	1128	1703	1452	1184	1214	7726	
4	5	UAE	605	1210	1088	2235	731	1289	7156	
5	4	Pakistan	2176	1063	1028	1144	752	735	6899	
6	6	Australia	1507	1567	876	255	932	1574	6711	
7	7	Turkey	484	770	1503	650	1556	448	5410	
8	9	United States	1111	995	1180	802	566	565	5220	
9	10	South Korea	1250	1553	1066	182	715	245	5011	
10	8	Singapore	1020	935	828	780	683	98	4344	
		Others	12571	16075	13776	12819	14682	16219	86143	
		Total	25857	30239	28673	27282	28070	28626	168747	

Fonte: SIPRI. SIPRI Trend Indicator Values: 2016<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Disponível em: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php> Acesso em: 27 set 2016

Dessa maneira, alguns Estados importadores se apresentam com algumas oscilações no que se referem à importação de armas, outros apresentam uma constante ascendência na aquisição de armamento. Muitos desses países estão envolvidos em tensões fronteiriças com seus vizinhos, como exemplo, Índia – Paquistão.

Atualmente, existe a necessidade de buscar a paz mundial e a segurança, mas, no mesmo caminho, busca-se uma intensa demanda por armas por parte dos Estados. Os armamentos ainda têm sido usados pelos Estados como forma de garantia de segurança e de sua integridade. Assim, na comunidade internacional ainda existe certa dificuldade em conciliar o controle de armamento com a produção armamentista, pois os Estados temem enfraquecer sua capacidade armada e se tornar vulnerável diante de outros Estados.

Os Estados têm preferido defender sua segurança mediante a posse de armamentos, a fim de enfrentar desafios reais ou potenciais a sua integridade e soberania. Essa ainda é a realidade nos tempos correntes. A principal dificuldade na obtenção de acordos eficazes e duradouros no campo do desarmamento e do controle de armamentos tem sido justamente a pouca disposição dos governos, principalmente, mas não unicamente, os mais armados, de abrir mão dos engenhos bélicos de que já dispõem ou que possam vir a considerar necessários para a defesa de sua segurança (DUARTE, 2008: pg.162).

Desde o fim da Segunda Guerra a comunidade internacional não presenciou mais um grande conflito em nível internacional, apenas conflitos regionais, que foram responsáveis por movimentar a produção armamentista das grandes potências produtoras. De acordo com Duarte (2008), novos engenhos bélicos são acrescentados nos arsenais de países desenvolvidos e em desenvolvimento, contribuindo para tornar os conflitos enfrentados por alguns países mais duradouros e prejudicando assim o crescimento econômico e social destes países (DUARTE, 2008: pg.162).

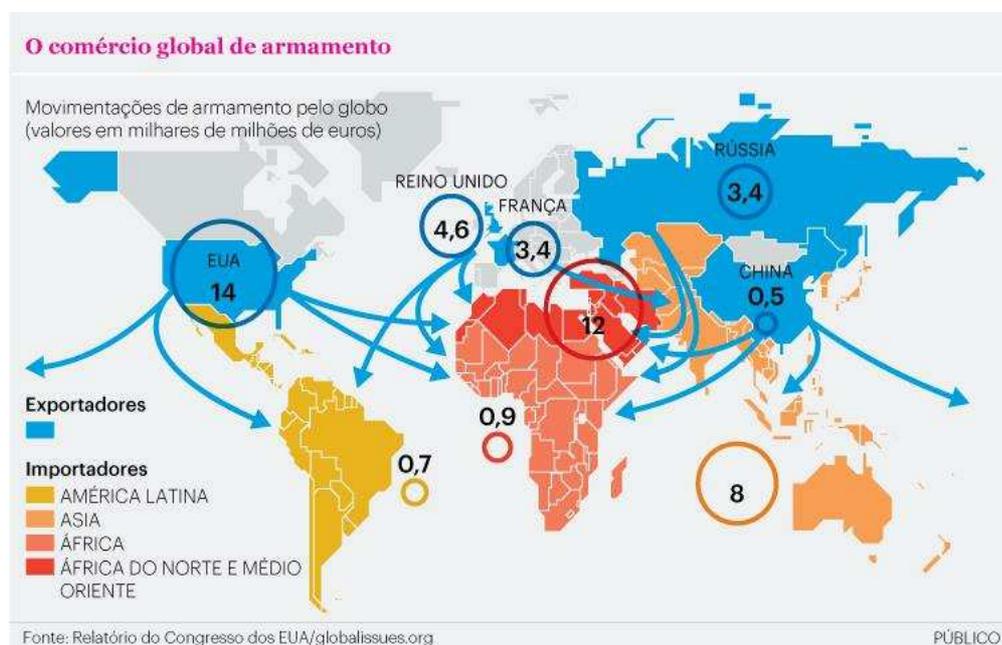
De acordo com Gentilli (2005: pg.51) em conflito não se busca outra coisa senão lutar, e as lutas são feitas com armas. Atualmente, em todo o mundo existem regiões que enfrentam intensos conflitos armados que são oriundos de vários motivos, questões religiosas, recursos energéticos, luta por território ou pela própria independência. De acordo com Duarte (2008), esses conflitos ainda são responsáveis por causar morte, destruição e atraso no desenvolvimento social e econômico dessas regiões.

Segundo apresenta o relatório SIPRI, o Oriente Médio é a área do mundo para onde segue a maior parte do comércio de armas. Segundo o relatório um quinto de todos os armamentos que é vendido no mundo termina no Oriente Médio. Os principais exportadores de armas são os países desenvolvidos, capitaneados pelos Estados Unidos, com cerca de 40%

dos contratos, que atingem mais que o dobro da Rússia, em 2º lugar, e a França, a Alemanha e a Grã-Bretanha que atingem os três 20% dos contratos de armas no mundo (MELO, 2007, p.1).

Atualmente, as principais potências do mundo, incluindo algumas do Conselho de Segurança possuem contratos bilionários de armas com os países do Oriente Médio, essas armas incluem armas de pequeno porte, explosivos, tanques, aviões de guerra e mísseis com grande capacidade de destruição.

**Figura 4:** O Comércio Global de Armamentos



Fonte: Publico. Tratado do Comércio de Armas entra em vigor sem os maiores exportadores do mundo (2014)<sup>47</sup>

## 3.2 OS PRINCIPAIS EXPORTADORES

### 3.2.1 Estados Unidos

De acordo com Nogueira (2012, p.1) cerca de 62% das exportações de armas são aeronaves, que incluem 49 aviões de combate F-35. O principal aliado do país na região é a Arábia Saudita que adquiriu US\$ 33,4bilhões de armas pesadas, sendo 84 caças F-15,

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www.publico.pt/mundo/noticia/tratado-do-comercio-de-armas-entra-em-vigor-sem-os-eua-a-russia-e-a-china-1680360> Acesso em: 22 abr 2017

helicópteros Apaches e Black Hawk. Os Estados Unidos estão em retirada do Afeganistão e do Iraque, mas mesmo em retirada os americanos venderam cerca de 4% de artilharia para esses países, que incluía tanques e veículos armado (NOGUEIRA 2012, p.1.).

Tabela 3: The arms exports from United States, 2010-2015

TIV of arms exports from United States, 2010-2015							
Generated: 15 September 2016							
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.							
Figures may not add up due to the conventions of rounding.							
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m							
For more information, see <a href="http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background">http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background</a>							
Source: SIPRI Arms Transfers Database							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Aircraft	5241	5766	5758	3716	6171	6181	32833
Air defence systems	269	55	234	243	595	897	2293
Armoured vehicles	829	1102	865	776	898	802	5271
Artillery	66	75	96	63	5	45	352
Engines	421	341	335	247	294	310	1949
Missiles	891	954	1050	1682	1877	1761	8214
Naval weapons	20	40	88	88	115		350
Other		33	54	61	52	26	226
Sensors	260	395	527	517	391	260	2351
Ships	100	343	156	295	72	201	1167
Total	8098	9104	9163	7687	10470	10484	55006

Fonte: SIPRI, IMPORTER/EXPORTER TIV TABLES<sup>48</sup>

### 3.2.2 Rússia

<sup>48</sup> Disponível; <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php> Acesso em: 28 abr. 2017

A Rússia segue em 2º lugar neste comércio com cerca de 26% das exportações de armas para o mundo, destas, 46% são aeronaves e 20% são mísseis. Nos últimos cinco anos, a Rússia foi responsável por cerca de 71% das exportações de armas convencionais à Síria, entre os países da região é o que mais comercializa com a Rússia, que mesmo em guerra civil continuou exportar armas para a região (NOGUEIRA, 2012).

**Tabela 4: The arms exports from Russia , 2010-2015**

TIV of arms exports from Russia, 2010-2015							
Generated: 15 September 2016							
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.							
Figures may not add up due to the conventions of rounding.							
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m							
For more information, see <a href="http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background">http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background</a>							
Source: SIPRI Arms Transfers Database							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Aircraft	2889	4642	3155	2643	2338	3085	18751
Air defence systems	687	994	686	1151	339	392	4249
Armoured vehicles	747	941	1218	536	669	371	4481
Artillery	5	48	52	73	38	5	220
Engines	218	249	372	506	544	387	2276
Missiles	826	1114	1097	1260	660	617	5574
Naval weapons	15	15	20	25	44	34	152
Other	54	6	6			72	137
Satellites					100		100
Sensors	174	161	186	95	78	106	799
Ships	559	526	1689	1819	660	414	5667
<b>Total</b>	<b>6172</b>	<b>8695</b>	<b>8480</b>	<b>8107</b>	<b>5468</b>	<b>5483</b>	<b>42404</b>

Fonte: SIPRI, IMPORTER/EXPORTER TIV TABLES<sup>49</sup>

<sup>49</sup> Disponível em: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php> acessado em: 27 set. 2016

### 3.2.3 China

De acordo com relatório da SIPRI (2016), a participação nas exportações globais de armas da China subiu de 3,6 para 5,9%. A China forneceu principais armas para 37 Estados em 2011-2015. As exportações chinesas tiveram como principais países os da Ásia e Oceania. O Paquistão foi o que mais importou armas advinda da China, cerca de 35% das exportações chinesas (SIPRI, 2016, tradução nossa). O Bangladesh e Myanmar são outros grandes exportadores, esses são vizinhos da Índia, que é o maior importador.

**Tabela 5: The arms exports from China, 2010-2015**

TIV of arms exports from China, 2010-2015							
Generated: 15 September 2016							
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.							
Figures may not add up due to the conventions of rounding.							
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m							
For more information, see <a href="http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background">http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background</a>							
Source: SIPRI Arms Transfers Database							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Aircraft	526	404	564	569	215	409	2687
Air defence systems		62	85	77	52	64	340
Armoured vehicles	446	342	515	742	302	384	2731
Artillery	33	50	21	30	94	27	256
Engines				0		1	1
Missiles	167	164	247	191	197	206	1171
Sensors	69	26	69	32	30	10	235
Ships	255	290	227	415	470	865	2522
Total	1496	1338	1728	2055	1360	1966	9943

Fonte: SIPRI, IMPORTER/EXPORTER TIV TABLES<sup>50</sup>

<sup>50</sup> Disponível em: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php> acessado em: 27 set. 2016

### 3.2.4 França

As Exportações da França, de acordo com o relatório da SIPRI (2016), diminuiu cerca de 9,8% entre 2006-10 e 2011-15. A França enviou armas para 78 Estados em 2011-2015. O principal destino foi a Ásia e Oceania, especificamente, o Oriente Médio que representou cerca de 27% das exportações de armas francesas. A França possui contrato para aviões Rafale de combate com o Egito e o Qatar, cerca de 24 para cada um (SIPRI, 2016, tradução nossa).

**Tabela 6: The arms exports from França, 2010-2015**

TIV of arms exports from France, 2010-2015							
Generated: 15 September 2016							
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.							
Figures may not add up due to the conventions of rounding.							
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m							
For more information, see <a href="http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background">http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background</a>							
Source: SIPRI Arms Transfers Database							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Aircraft	280	972	360	392	437	586	3028
Air defence systems	30	30	50	33	46	28	216
Armoured vehicles	24	4	18	46	34	50	176
Artillery	58	70	14	4	31	20	198
Engines	44	52	86	120	90	64	455
Missiles	259	206	305	325	157	164	1416
Sensors	131	204	167	363	388	423	1676
Ships	72	215	25	227	551	678	1769
<b>Total</b>	<b>898</b>	<b>1752</b>	<b>1025</b>	<b>1511</b>	<b>1734</b>	<b>2013</b>	<b>8932</b>

Fonte: SIPRI, IMPORTER/EXPORTER TIV TABLES<sup>51</sup>

<sup>51</sup> Disponível em: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php> acesso em: 27 set. 2016

### 3.2.5 Reino Unido

As Exportações da Grã Bretanha, de acordo com o relatório da SIPRI (2016), diminuiu ao ponto que foi ultrapassada pela China, sendo assim, a sexta maior exportadora de armas para o mundo (SIPRI, 2016, tradução nossa).

**Tabela 7: The arms exports from United Kingdom, 2010-2015**

TIV of arms exports from United Kingdom, 2010-2015							
Generated: 15 September 2016							
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.							
Figures may not add up due to the conventions of rounding.							
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m							
For more information, see <a href="http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background">http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background</a>							
Source: SIPRI Arms Transfers Database							
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Total
Aircraft	747	525	171	715	745	928	3831
Armoured vehicles	1			8		7	16
Artillery	182	183	156	67	17	2	607
Engines	64	40	161	99	92	88	544
Missiles	32	159	314	270	57	72	904
Other	23	83	40	30	10	20	206
Sensors	28	10	16	16	16	14	100
Ships	73	40	77	440	707	83	1419
<b>Total</b>	<b>1151</b>	<b>1040</b>	<b>934</b>	<b>1645</b>	<b>1644</b>	<b>1214</b>	<b>7627</b>

Fonte: SIPRI, IMPORTER/EXPORTER TIV TABLES<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Disponível em: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php> acessado em: 27 set. 2016

O comércio internacional de armas no Oriente médio é focado em dois países: EUA e Rússia. A região sempre foi considerada uma região de disputa entre ambos, desde da descoberta de petróleo na região e da sua localização estratégica. Com a Guerra Fria a disputa entre eles só aumentaram, principalmente, na disputa da tutela do Afeganistão, que a URSS (Rússia) financiava e armava uma parte do exército local, para assim serem promovidas reformas sociais no país.

Os americanos temiam que a URSS aumentassem sua área de influência na região e tomasse posse dos poços de petróleo, com isso, os americanos armaram tropas no exército vizinho, financiando e armando para que entrasse em conflito armado.

Existiram outros conflitos que houve apoio direto e indireto da Rússia e dos EUA, como exemplo Guerra do Golfo, Guerra Irã-Iraque, Guerra Civil Síria entre outras. Assim, a região do Oriente médio é marcada por conflito, e onde tem conflito tem armas, caracterizando a região como um dos principais destinos das produções armamentistas no mundo.

## 4. UMA ANÁLISE DO ORIENTE MÉDIO

### 4.1 GUERRA CIVIL SÍRIA

A Síria é uma região que atualmente tem passado por situação de intensos conflitos, o território que compreende o Estado Sírio atualmente fazia parte do falido Império Otomano, que perdeu a Primeira Guerra e teve seu território fragmentado.

Os países vencedores da Guerra entraram em um acordo para divisão do território, França e Grã-Bretanha repartiram o território em duas partes: A França ficou com o Líbano e a Síria, a Grã Bretanha tomou posse da Palestina, Transjordânia e Iraque. Estados Unidos não obteve parte, devido à busca por um isolacionismo que só seria quebrado com o início da Guerra Fria.

A invenção da Síria moderna vem seguindo a Primeira Guerra Mundial que foi amplamente baseado em acordos entre os franceses e os britânicos. Síria não foi o único neste. Com efeito, as fronteiras modernas de dezenas de países no mundo em desenvolvimento foram baseadas mais sobre os interesses das potências coloniais do que em qualquer realidade histórica ou geográfica (ROBINSON, 2012, Tradução Nossa)<sup>53</sup>.

A política francesa para região era de enfraquecer a unidade árabe, colocando pequenas divisões na Síria, que possuía grandes grupos como os Sauditas e um grupo minoritário da população conhecidos como *Alauítas*<sup>54</sup>, estes que possui cargos nas Forças Armadas e nos principais segmentos da sociedade síria tinham uma vertente mais tradicional do Islã xiita. A população Síria é formada por maioria Sunita que passou a disputar questões étnicas e religiosas com essa parcela da sociedade que detém os altos cargos da Síria.

As autoridades francesas dividiram o território em seis entidades políticas, cinco na Síria e um no Líbano, tomando como critério as divisões étnico-religiosas das populações locais: Estado Alauíta (alauítas), Estado de Alepo (árabes sunitas), Estado de Damasco (árabes sunitas), Grande Líbano (cristãos maronitas e outras minorias), Jabal al-Druze (drusos) e Sandjak de Alexandretta (turcos sunitas) (FUJJI, 2015).

Os Sunitas da região compreende cerca de 70% da população Síria, compreende os Estados de Aleppo e Damasco, os demais Estados ficam divididos pelos 30% restante que são o Estado Alauíta, os Jabal al-Druze e de Alexandretta (ZAHREDDINE *Apud* CLEVELAND, 2013: pg. 8). A incorporação destes Estados se deu de forma lenta, os Estados de Aleppo e

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://www.joshualandis.com/blog/wp-content/uploads/Robinson-Current-History.pdf>>  
Acesso em: 28 abr. 2017

<sup>54</sup> Os alauítas são considerados um dos ramos da corrente Xiita, nesse caso, muito se explica o apoio que o Governo Sírio possui do Irã.

Damasco foram incorporados à Síria em 1924. Em 1936, foi incorporado os Estados de Jabal Druze e o Alauita (ZAHREDDINE *Apud* CLEVELAND, 2013: pg. 8).

De acordo com Robinson, o grupo Alauita é o grupo minoritário mais poderoso politicamente da Síria, eles têm um histórico de perseguição aos sunitas sírios nos mais diversos segmentos da sociedade (ROBINSON, 2012). Historicamente, os Alauitas eram considerados os grupos mais pobres da sociedade síria, no entanto, graças a França que deu oportunidade de avanço<sup>55</sup> para grupos minoritários, que se incluía os Alauitas e os Drusos (ROBINSON, 2012)<sup>56</sup>.

O Estado Sírio alcançou sua independência na 17 de abril de 1946. No entanto, de 1946 a 1958 a República da Síria foi governada por cerca de dez presidentes (ZAHREDDINE, 2013: pg.11). No âmbito local, havia uma disputa de poder e pelo controle do país que gerou uma série de golpes e contra golpes até 1971. De acordo com o Zahreddine, os golpes de Estado acabaram por favorecer os grupos Alauitas que faziam parte dos grupos mais importantes da sociedade síria (ZAHREDDINE, 2013: pg.12).

Esses golpes de estado acabou por favorecer o grupo Alauita, que em 22 de fevereiro de 1971, o oficial da aeronáutica, com fortes laços com a União Soviética, Hafez al Assad, toma o poder por meio de outro golpe militar. Porém, ao contrário dos antecessores, consegue manter-se no poder até 10 de junho de 2000, ano de sua morte. A transição política de seu governo foi feita através de seu filho, Bashar al Assad, naquele mesmo ano, permanecendo no poder até os dias de hoje (ZAHREDDINE, 2013: pg. 12).

De acordo com Furtado et al. (2014), O grupo de Bashar Al-assad (Alauita), não tem representatividade com a maioria da população que é sunita, ele impõe a mão de ferro um regime ditatorial, com repressão violenta de protestos, controle populacional e uma série de restrições a liberdade do povo sírio (FURTADO et al., 2014, pg. 2). Essas série de restrições foram os combustíveis necessários para a população buscar a deposição do governo de Bashar Al-assad.

A Síria é uma região que atualmente tem passado por situações de intensos conflitos, sendo estes resultados de grandes protestos que surgiram na região do Oriente Médio no início de 2011, conhecida como Primavera Árabe, que foi responsável pela queda de vários líderes na região. Na Síria, promoveu uma Guerra Civil que perdura até os dias de hoje.

---

<sup>55</sup> Juntar-se ao exército significa ter educação, oportunidade de viajar, emprego estável.

<sup>56</sup> Disponível em: <http://www.joshualandis.com/blog/wp-content/uploads/Robinson-Current-History.pdf> Acesso em: 16 set. 2016.

## 4.2 GUERRA SÍRIA: MOTIVOS, PARTES ENVOLVIDAS E QUESTÕES RELIGIOSAS.

A Guerra civil Síria iniciou-se com a escalada de movimentos civis nos países árabes, o movimento teve início com protestos pacíficos que defendiam vários assuntos de caráter socioeconômico, que incluía mais emprego e a necessidade de baixar o preço dos alimentos, reformas democráticas (FUJJI, 2015: pg. 5). No entanto, ao decorrer do tempo a população começa a questionar o regime ao qual estavam submetidos, passando a abordar nas manifestações o fim do regime de Bashar al Assad.

De acordo com Fujji, à medida que as manifestações aumentaram e passaram a abranger vários segmentos da sociedade síria, as forças sírias passaram a reprimir as manifestações com violência, o que levou a um maior clima de tensão entre o governo e os manifestantes (FUJJI, 2015: pg. 5).

Em pouco tempo, a pauta predominante dos manifestantes passou a ser o fim do regime Assad, independentemente do que cada grupo defendia para um eventual período pós-Assad. Filho de Hafez al-Assad, o presidente Bashar al-Assad mantém um governo autoritário desde que subiu ao poder em 2000, apesar de breves sinais de liberalização do regime que o mesmo emitiu no início (FUJJI, 2015).

No início de 2011, surgiam às manifestações antigoverno sírio e pró-democracia que se alastrou em todo país, o governo de Assad passou a reprimir as manifestações com violência. Sendo assim, de acordo com Fujji (2015), a repressão ao regime foi tamanha que muitos soldados sírios desertaram para se juntar a população na busca de uma maior participação na política do país, assim, criou-se o Exército Livre da Síria em julho de 2011.

Esse momento representa o fim da primavera árabe e o início do conflito civil, que envolvia de um lado as forças do governo e do outro os desertores que se caracterizaram como oposição ao Governo (FUJJI, 2015). De acordo com Fujji (2015), o conflito civil sírio deve ser observado através do seu contexto histórico, que foi devido as divisões sectárias (Alaunitas e Sunitas), que existem até os dias atuais no país (FUJJI, 2015).

O controle das principais instituições estatais por um grupo minoritário da sociedade síria, fez surgir um sentimento de marginalização por parte da população sunita, que representa cerca de 70% da população do país. Alguns líderes sunitas não se conformam com a ascensão Alaunitas nos principais segmentos de poder, principalmente, se o maior cargo do país for exercido por um Alaunita, o Bashar al Assad (FUJJI *apud* NISSAN, 2015).

No dia 29 de julho de 2014, o grupo fundamentalista sunita Estado Islâmico da Síria e do Iraque (EI, ISIS ou DAESH, sua sigla em árabe) anunciou a criação de um califado e proclamou seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, como califa e líder dos muçulmanos de todo o mundo (FUJJI, 2015).

O Estado Islâmico, conhecido como ISIS ou Daesh, é um grupo extremista de ramo Sunita, com uma visão radical das escrituras islâmicas, o grupo apresentou se como um novo ator no conflito, que a partir de agora possui três conflitantes, (1) Forças de Bashar al Assad, (2) Forças de oposição, (3) Estado Islâmico.

[...] o grupo entrou na guerra civil síria e rapidamente avançou contra outras facções envolvidas no conflito, surpreendendo tanto as forças do presidente Bashar al-Assad quanto os exércitos rebeldes que as combatiam, causando grande impacto nos objetivos e nas relações entre os países e atores não-estatais envolvidos nessa guerra (FUJJI, 2015).

A Guerra da Síria é um conflito interno que tem como atores as Forças do Governo contra as Forças Opositoras, caracterizando se como uma Guerra Civil. Algumas potências internacionais tem amparado o conflito civil que tem gerado uma atenção maior da comunidade internacional para o conflito em questão. A pesquisa centra-se na questão armamentista da Guerra Civil Síria, nesse contexto, se faz necessário focar-se nas questões que remetem as armas, mais precisamente, às armas convencionais do conflito.

### **4.3 TRANSFERÊNCIAS DE ARMAS PARA SÍRIA**

De acordo com dados publicados pela SIPRI, no período de 2008-2012 a Rússia forneceu 71% do armamento importado pelo Governo Sírio. O Irã forneceu 14% e Belarus 11% dos suprimentos armamentista (SIPRI, 2013: pg. 8)<sup>57</sup>. As Forças armadas do governo sírio já estavam bem equipadas antes do início do conflito, havia uma importação pesada de armamento e suprimentos do governo russo (DE GROOF, 2013: pg.31, tradução nossa).

Em contrapartida, as Forças de oposição ao governo não tem como ter acesso/compra lícita de armamento, assim, tiveram que recorrer ao contrabando, saqueando as Forças Armadas do Governo Sírio e recebendo apoio de países estrangeiros, organizações criminosas e entidades comerciais (DE GROOF, 2013: pg. 31). As principais fontes de armas para grupos rebeldes sírios são (1) Estoques capturado do Governo; (2) mercados negros locais e regionais; (3) a fabricação artesanal clandestina de armas; e (4) transferência de armas de Estados terceiros (DE GROOF, 2013: pg. 38).

<sup>57</sup> Disponível em: [http://books.sipri.org/product\\_info?c\\_product\\_id=455](http://books.sipri.org/product_info?c_product_id=455) Acesso: 12 jan. 2017

Tabela 8: Arms exports to Syria, 2005 -2016

TIV of arms exports to Syria, 2005-2016													
Generated: 07 April 2017													
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.													
Figures may not add up due to the conventions of rounding.													
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m													
For more information, see <a href="http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background">http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background</a>													
Source: SIPRI Arms Transfers Database													
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Belarus				172									172
China					56	15				5			76
Iran		54		40	45	45	86	20	10	10			310
North Korea	20	20	20	20	20								100
Russia	15	26		44	72	238	282	351	351				1378
Total	35	100	20	276	193	298	368	371	361	15			2036

Font  
e:

SIPRI, IMPORTER/EXPORTER TIV TABLES<sup>58</sup>

Na tabela anterior foram apresentados os principais países exportadores de armas para a Síria, o recorte histórico foi de 2005 – 2014, pelo fato desse período abranger o antes e o durante do conflito sírio. Em primeiro momento, temos a Rússia como a maior exportadora de armas para o país. No período de 2005 à 2009 a quantidade de armas exportadas da Rússia para Síria crescia continuamente. No entanto, no início do conflito sírio, no fim de 2010 e início de 2011, a exportação de armas para Síria triplicou e o número foi crescendo no decorrer do conflito.<sup>59</sup>

Irã se caracteriza como o segundo maior exportador de armas para Síria. O país tem se caracterizado como um dos principais aliados de Assad na região, pelo fato de ser o país que se encontra a maior quantidade de Xiitas, ramo árabe do Islamismo, faz com que as relações entre ambos seja mais estrita, assim, o Irã apoia a Síria com armas, munições e exércitos para os combates.

<sup>58</sup> Disponível em: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php> Acesso em: 12 jan. 2017

<sup>59</sup> Não há dados no período de 2014 a 2016 com relação à Rússia.

Tabela 9: Arms exports to Syria, 2005 -2016

TIV of arms exports to Syria, 2005-2016													
Generated: 07 April 2017													
Figures are SIPRI Trend Indicator Values (TIVs) expressed in US\$ m. at constant (1990) prices.													
Figures may not add up due to the conventions of rounding.													
A '0' indicates that the value of deliveries is less than US\$0.5m													
For more information, see <a href="http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background">http://www.sipri.org/databases/armstransfers/background</a>													
Source: SIPRI Arms Transfers Database													
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	Total
Aircraft				172			1	0					173
Air defence systems				33	33	83	203	302	302				956
Missiles	35	46	20	71	104	185	134	69	59	15			737
Sensors					56	30	30						116
Ships		54											54
Total	35	100	20	276	193	298	368	371	361	15			2036

Fonte: SIPRI, IMPORTER/EXPORTER TIV TABLES<sup>60</sup>

Na tabela anterior, fica bem claro, que o tipo de armamentos que a Síria importa dos outros países são armamentos pesados que incluem Aviões, sistemas de defesa, mísseis, sensores e navios. O maior número de armas importadas foram sistemas defesa aéreo, misseis e sensores.

É relevante dizer que as armas leves não são contabilizadas por essas organizações, porque como são dados repassados do Governo para SIPRI, por exemplo, não tem como a organização possuir a real quantidade de armas que foi importada ou exportada por determinado país. Vários fatores podem ser responsáveis, por exemplo, as armas são leves e pequenas o que torna mais fácil as transferências de um lugar pra outro<sup>61</sup>. O comércio ilegal, contrabando, armas artesanais até mesmo apoio estrangeiro podem ser responsáveis pela não contabilização.

<sup>60</sup> Disponível em: <http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/values.php> Acesso em: 12 Jan 2017

<sup>61</sup> É muito mais fácil pro Governo e essas Organizações (SIPRI) contar a quantidade de Navios, misseis e aviões que contar a quantidade de armas leves exportadas e importadas.

#### **4.4 ENVOLVIMENTO ESTRANGEIRO NO CONFLITO SÍRIO: UMA GUERRA POR PROCURAÇÃO**

O conflito Sírio tem se caracterizado como um conflito civil entre as Forças do Governo e a Oposição: De um lado: governo de Bashar, os Alauítas, as outras minorias religiosas (que se beneficiavam das liberdades religiosas no país) os Russos e o Irã. Do outro lado: Rebeldes sunitas, a Arábia Saudita (que visa enfraquecer e isolar o Irã), o Bahrein (visa enfraquecer e isolar o Irã) e a Al Qaeda.

Assim, o Conflito tem tomado proporções maiores e tem mobilizado potências regionais e internacionais no apoio ao confronto de âmbito interno. No cenário internacional, o conflito sírio tem causado profundas divergências entre os Estados Unidos e a Rússia, como exemplo, em 2013 com o uso de armas químicas em civis que motivou a primeira divergência diplomática entre os americanos e soviéticos desde o fim da Guerra Fria.

Outros importantes atores na região que também estão envolvidos no conflito sírio são o Irã e a Arábia Saudita, ambos os países são grandes potências regionais, o que faz com que a Síria seja palco de um conflito em nível religioso, que é causa de profundas divergências entre Irã e Arábia Saudita. O Irã faz parte da corrente xiita do Islã e o outro oposto a Arábia Saudita com sua maioria Sunita.

As transferências de armas para a Síria são reflexo da profunda divisão que existe no nível internacional como resposta à crise síria. Embora alguns Estados tenham canalizado importantes quantidades de armas para o regime de Assad desde os primeiros dias da crise, outros forneceram armas às forças armadas de oposição e outros ainda impuseram um embargo de armas contra a Síria (DE GROOF, 2013: pg. 35, tradução nossa).

Com tanto envolvimento estrangeiro na Guerra Civil Síria, envolvimento de grandes potências internacionais e de países regionais, o conflito tende-se a caracteriza-se como uma Guerra por procuração, devido aos países envolvidos no conflito se utilizarem do disputa interna para escoarem as suas produções de armas ou mesmo disputar um conflito através de países menores.

##### **4.4.1. Apoio ao Governo de Bashar Al Assad**

A Rússia tem se apresentado como uma importante aliada de Bashar Assad no conflito, o fluxo de armas da Rússia para Síria tem sido intenso durante todo o período da crise síria, mesmo a comunidade internacional tendo se manifestado contra o envio de armas

para o Governo sírio, a Rússia ainda continua fazendo transferências de armas de sistemas de combate e de sistema de defesa. (DE GROOF, 2013: pg. 35, tradução nossa). A Rússia tem alegado que o envio de armas tem se limitado apenas a sistemas de defesa.

As vendas de armas da Rússia a Assad têm como objetivo dar ao regime uma boa chance de se defenderem contra as forças da oposição, mas também - como declarou um diplomata russo - contra as potências ocidentais se este decidir atacar a Síria. (DE GROOF, 2013: pg. 35, tradução nossa).

Houve um intenso movimento russo para não embargar as armas que eram direcionadas para a Síria, pelo fato de poder haver uma limitação de armas e suprimentos para o Governo de Assad, enquanto a oposição se armava mais que o governo (DE GROOF, 2013: pg. 35, tradução nossa).

De acordo com De Groof, as seguintes transferências russas de armas foram abordadas em profundidade nos meios de comunicação (DE GROOF, 2013: pg. 35, tradução nossa).

- No início de 2012, um navio operado pela Rússia teria carregado 60 toneladas de munição - ancorados em um porto sírio.
- Abril de 2013, nas exportações russas de armas houve um aumento dos números de navios que partiam da Ucrânia para Síria.
- Em maio de 2013, foi relatado que a Rússia entregou sofisticados sistemas antiaéreos S-300, mísseis de cruzeiro anti-navio e lançadores de foguetes altamente avançados para as forças armadas sírias.
- Em julho de 2012, Moscou Insistiu em que entregaria helicópteros Mi-25 helicópteros para a Síria em face do Ocidente desaprovção.
- Uma fonte da indústria de defesa russa disse que o Regime de Assad tinha pagado um contrato de quase US \$ 1 bilhão para quatro S-300 anti-aeronaves.
- Sistemas de mísseis, bem como outra ordem de US \$ 550 milhões para 36 Yak-130 lutador instrutor Aviões 280 Estes são apenas alguns exemplos da sobrecarga de armas russas e militares Transferências materiais para o regime sírio.

O Irã é outro país exportador de armas para Síria, o país tem se caracterizado como um dos principais exportadores de armas ilícitas para Síria, e ser um dos maiores fornecedores de armas e material militar lícito para as forças do governo Sírio (DE GROOF, 2013: pg. 37, tradução nossa).

Em Fevereiro de 2011, as autoridades turcas apreenderam explosivos originários do Irã e destinados à Síria. Em Março de 2011, as autoridades turcas apreenderam 19 caixas contendo fuzis de assalto, metralhadoras, munições e argamassa de um avião de carga Ilyushin-76 operado por uma companhia de carga iraniana destinada à Síria (DE GROOF, 2013: pg. 37, tradução nossa).

O apoio Iraniano ao Governo de Bashar al Assad é resultado da relação que o Irã possui com os Alauitas, que faz parte de um dos ramos do Islamismo, na qual o Bashar al Assad faz parte. Isso teve como resultado uma divisão na Síria, pois líderes Sunitas acusaram Assad de favorecer a ascensão de alguns Alauitas no poder, outro ponto de discordância é o maior cargo ocupado do país é ocupado por Assad, que é Alauita.

#### **4.4.2. Apoio à Oposição**

Em nível regional, o apoio à oposição parte, principalmente, da Arábia Saudita que é inimiga declarada do Irã, este apoia o governo de Bashar al Assad. De acordo com De Groof a Arábia Saudita e Qatar são os países que iniciaram as transferências de armamentos para a oposição síria, pois, houve um aumento acentuando no fornecimento de armas para a oposição.

Em março de 2013, o New York Times (NYT) relatou mais de 160 voos de carga militar da Arábia Saudita, Qatar e Jordânia aviões de carga estilo militar. Hugh Griffiths do SIPRI, estimou as cargas úteis desses voos em 3.500 toneladas de material militar. Em entrevista ao NYT, ele também acrescentou que “a intensidade e a frequência destes voos [são] sugestivos de uma coordenação de uma operação clandestina de logística militar” (DE GROOF, 2013: pg. 39, tradução nossa)”.

De acordo com De Groof, diversos relatórios, artigos de imprensa e entrevistas com funcionários de Estado surgiram posteriormente afirmando que houve um envio de armamento leve, como armas AK-47, granadas e foguetes pelos os países vizinhos e principalmente pela Arábia Saudita, por onde é canalizada a maioria das armas do conflito. (DE GROOF, 2013: pg. 40, tradução nossa).

Os Estados Unidos começaram a participar do conflito em 2013, a CIA começou a fornecer metralhadoras leves e outras armas ligeiras e de pequeno calibre algumas munições para a oposição síria.

A CIA também teria organizado o fornecimento de armamento antitanque, como granadas propulsadas por foguetes através de um terceiro,

"Presumivelmente um dos países do Golfo" [...] Os EUA, como bem como a França e o Reino Unido, sempre pediram cautela no que se refere à transferência de Armas para a dissipada oposição síria, levantando questões sobre o destino final dessas armas, que poderia acabar nas mãos de extremistas (DE GROOF, 2013: pg. 39, tradução nossa)".

Enfim, o Conflito sírio, atualmente, pode ser avaliado a partir de duas frentes: Uma frente regional (Irã e Arábia Saudita) e outra frente internacional (EUA e Rússia). Assim, o conflito na frente regional surge a partir da concorrência para liderar a comunidade islâmica através dos seus respectivos ramos.

O confronto entre duas das três maiores potências do mundo islâmico, Arábia Saudita e Irã, ganha uma dimensão de central importância. Os dois países disputam a liderança da comunidade islâmica internacional e possuem significantes diferenças religiosas, políticas, de visão de mundo e de interesses (FUJJI, 2015: pg. 8).

Em conflitos, ambos os países trazem essa discordância religiosa para os conflitos ideológicos, internos e regionais, como exemplo o conflito na Síria, que virou palco de disputa entre ambos os países, o Irã apoiando as Forças do Governo e a Arábia Saudita apoiando a oposição.

Ambos os países são peças muito relevante para duas potências extra regionais, que possuem discordância desde a época da Guerra Fria. Estados Unidos e Rússia se caracterizam como os outros atores envolvidos no conflito, são eles que estão por trás da fabricação das armas e o envio para os países receptores.

A Rússia após a queda da União Soviética diminuiu a influência na região do Oriente Médio, porém, atualmente, a Rússia começa a desempenhar um papel mais estratégico na região. O país busca uma barreira estratégica para conter a influência americana na região.

A questão armamentista, atualmente, mostra que as principais potências do mundo, incluindo algumas do Conselho de Segurança possuem contratos bilionários de armas com os países do Oriente Médio, essas armas incluem armas de pequeno porte, explosivos, tanques, aviões de guerra e mísseis com grande capacidade de destruição. Os Estados Unidos possui o maior complexo industrial militar do mundo, o país foi responsável por cerca de 29% das armas exportadas para todo o mundo.

De acordo com Nogueira (2012, p.1) cerca de 62% das exportações de armas de aeronaves, incluem 49 aviões de combate F-35, o principal aliado do país na região e a Arábia Saudita que adquiriu US\$ 33,4bilhões de armas pesadas, sendo 84 caças F-15, helicópteros Apaches e Black Hawk. Os Estados Unidos estão em retirada do Afeganistão e do Iraque, mas

mesmo em retirada os americanos venderam cerca de 4% de artilharia para esses países, que incluía tanques e veículos armado (NOGUEIRA 2012, p.1.).

A Rússia segue em 2º lugar neste comércio com cerca de 26% das exportações de armas para o mundo, destas, 46% são aeronaves e 20% são mísseis. Nos últimos 5 anos, a Rússia foi responsável por cerca de 71% das exportações de armas convencionais a Síria, entre os países da região é o que mais comercializa com a Rússia, que mesmo em guerra civil continua exportar armas para a região (NOGUEIRA, 2012, p.1).

Portanto, a presença do Irã na Síria justifica o apoio da Arábia Saudita aos opositores. Em nível internacional, geopoliticamente, podemos concluir que existe uma disputa entre os Estados Unidos e Rússia no que se refere ao conflito sírio. Assim, é fácil delinear uma guerra por procuração na Síria.

Na guerra civil síria os principais países exportadores são grandes potências do Sistema Internacional. O conflito sírio pode lembrar um jogo de tabuleiro, que tem duas potências regionais e duas potências extraregionais disputando cada parte do jogo, através de apoio militar, apoio econômico e transferências de armas.

O conflito civil sírio surge a partir da discordância de certos grupos da sociedade sobre a maneira de governar de Bashar al Assad, um conflito interno que logo ganhou proporções internacionais. Os atores envolvidos no conflito possuem acesso fácil às armas, o que dificulta ainda mais o fim do conflito. É importante haver mecanismos de controle de armas mais rígidos que limitem a quantidade de armas que é transferida através da compra e venda, contrabando, pirataria e produção artesanal.

Enquanto não cessar os envios de armas para a Síria, será muito difícil prever um fim para a Guerra, visto que o envio de armas tem se caracterizado como um dos principais motivos para o manutenção do conflito civil. Além do acesso às armas, outros motivos que fazem com que o conflito prevaleça são a resistência de Bashar Al Assad para sair do poder, o apoio de potências estrangeiras e regionais para a continuação do conflito e a entrada de um novo ator ao conflito: o Estado Islâmico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proliferação das armas para regiões conflituosas é um sério problema mundial, pois a transferência indevida das armas alimenta os conflitos regionais e aumenta a insegurança na comunidade internacional. O artigo 51 da Carta das Nações Unidas reconhece o direito dos Estados de se armarem para sua autodefesa e de adquirirem armas para suas forças policiais e militares. No entanto, essa produção de armas excede os limites nacionais e acabam por alimentar conflitos em outras regiões tensionadas do planeta.

O Comércio de armas é muito lucrativo, e na ponta desse comércio se encontra as principais potências mundiais, EUA, Rússia, China, Grã Bretanha e França, destes, dois são responsáveis por mais da metade do comércio armamentista no planeta, EUA e Rússia. É importante salientar que os cinco países fazem parte do CSONU, que tem como responsabilidade, de acordo com o capítulo 26.º da Carta das Nações Unidas, assegurar a paz e a segurança internacional, desviando para armamento o mínimo possível de recursos humanos e econômicos do mundo (ONU,1945).

No entanto, foi observado na pesquisa que a ética dos Estados ocupa lugar reduzido no que se refere ao comércio de armas. Os interesses dos Estados nas armas se resumem a dois aspectos: lucro e segurança. Primeiro, o lucro dos milhares de armas que são vendidas a cada ano para países conflituosos. Segundo, a segurança que as armas proporcionam aos Estados.

O controle de armas surge nas relações internacionais como um instrumento para limitar o acesso de armas para países envolvidos em conflitos armados. A organização que tem buscado maiores formas de controle de armas é a ONU, junto com sua Assembleia Geral e seu CSONU, se caracterizam como os principais locais para discussões e debates acerca de um maior controle de armas.

A ONU buscaria um maior controle de arma através de suas resoluções expedidas pela Assembleia Geral e os Embargos de armas que provém do CSONU. Os Tratados e os acordos firmados pela ONU buscam uma maior diminuição dos níveis armamentistas no mundo, firmando um compromisso dos Estados em se submeter aos pontos do Tratado. O Tratado de comércio de armas convencionais (TCAC) tem se caracterizado como um limitador/controlador do envio de armas para regiões tensionadas, mas a não ratificação pelos Estados Unidos e a não assinatura da Rússia mostra o quanto ambos os países tem um grande interesse nesse tipo de comércio.

A busca por mecanismos mais eficazes de controle de arma faz com que a ONU se choque com um dos principais pressupostos realistas, a questão ética dos Estados ocupa um

lugar reduzido, uma vez que, por sobrevivência, os Estados poderiam quebrar qualquer acordo e desobedecer qualquer regra moral. Conforme Mearsheimer, Os Estados sempre que cooperam, essas cooperação tendem a ser de curta duração, pois o medo do outro e o desejo de hegemonia e de segurança somada a necessidade de sobrevivência, cria conflitos no sistema (MEARSHEIMER, 2001).

Os maiores exportadores de armas são os Estados Unidos e a Rússia, juntos, eles produzem cerca de 56% das armas produzidas no planeta. Eles possuem uma grande capacidade militar e uma grande capacidade de lançar uma ofensiva. A produção de armas de ambos os países são escoada para o Oriente Médio, os principais importadores de armas são países da região. A insegurança na região faz com que os Estados vejam no seu vizinho uma possível ameaça, caracterizando assim um Dilema de Segurança e a incessante busca por mais armamento.

Atualmente, no Oriente Médio acontece um conflito em curso a mais de cinco anos, a Guerra Civil Síria vem se arrastando com muitas incertezas sob o futuro da Síria, os efeitos que o conflito vem causando na comunidade internacional perpassam as fronteiras da Síria e produz muitos dilemas para outros países da região, como questões migratórias, políticas, econômicas e sociais. O conflito é interno, Guerra Civil, mas quando é inserido no conflito outros atores extra regionais o conflito adquire proporções ainda maiores.

O conflito sírio tem sido facilmente caracterizado como uma guerra por procuração, no qual outros países utilizam de um conflito menor para buscarem atingir seus próprios objetivos sem um envolvimento direto. Além dos atores internos do conflito (Governo, Oposição e Estado Islâmico), os atores regionais e extra regionais tem tido um papel muito relevante no conflito, através do fornecimento de armas, exércitos e sistemas de defesa.

A prática da Guerra por procuração foi muito comum na época da Guerra fria, EUA e URSS (atual Rússia) não se confrontaram diretamente, sendo assim, eles financiaram muitos conflitos civis, insurgências, disputas por fronteiras. O Oriente médio é uma região que foi palco de muitas disputas, como exemplo a disputa pela tutela do Afeganistão, Guerra Irã-Iraque, Guerra do Golfo e Guerra do Iraque, em todas elas as armas desempenharam um diferencial no conflito. É importante salientar que os conflitos sempre tinham atores extra regionais envolvidos, mais precisamente EUA e URSS (Rússia).

No conflito sírio não é muito diferente dos demais. É muito fácil delinear que a Rússia é aliada do Irã que apoia as forças do governo Sírio. Do outro lado, estão as forças de oposição que possuem aliança com a Arábia Saudita que possuem apoio dos EUA. É

importante ressaltar que a Rússia possui preocupação com a inserção americana na região, assim, para a Rússia é muito relevante manter o poder do governo de Assad na Síria.

Os resultados principais dessa pesquisa são que as potências internacionais, EUA, França, Rússia, China e Grã-Bretanha não firmam acordos mais rígidos no campo do controle de armas convencionais, dificultando tratados que proibam o envio de armas para regiões tensionadas, como exemplo o Tratado de Comércio de Armas convencionais, que não foi assinado pela Rússia e não foi ratificado pelos Estados Unidos, visto que eles são as maiores produtoras de armas e um Tratado mais rigoroso pesaria na seus Lucros e Interesses. Outro resultado é que o apoio Russo à Síria se deve ao manutenção da sua área de influência, logo a não assinatura justifica um certo receio da queda de Bashar al Assad. A saída do poder de um aliado causaria certo medo de quem assumiria o poder do país. Na visão eurasianista, na Ásia Central deve se manter uma integração com a Rússia em um bloco unificado, econômico e estratégico, transformando a Rússia no principal parceiro do Irã, Turquia, Índia, Síria e os demais.

Essa é a única área que impede a unipolaridade do Atlantismo, mais precisamente, dos Estados Unidos no mundo. Assim, a quarta zona é considerada uma contrabalança aos interesses dos americanos na busca da unipolaridade. Com isso, a Rússia apoia as forças do governo de Assad com armamentos para manter a segurança na sua área de projeção.

O envolvimento de potência maiores no conflito torna ainda mais difícil prevê um possível fim da guerra, pois enquanto não houver mecanismos de controle que limitem o envio de armas para as regiões tensionadas, o conflito continuará sendo responsável por diversos dilemas<sup>62</sup> que a região tem enfrentado.

O principal resultado da pesquisa é que o financiamento de armas da Rússia para a Síria se deve ao manutenção do governo de Bashar Al Assad no poder, logo o que está em jogo é a segurança na sua zona de influência (Zona Rússia-Ásia Central). A Rússia busca dificultar acordos mais rígidos no campo das armas convencionais, principalmente no CSONU, esse impedimento sugere que ela não assine, nem ratifique tratados que impeçam o envio de armas para regiões tensionadas ou mesmo a Síria.

---

<sup>62</sup> Crise migratória, inserção de grupos extremistas e destruição de patrimônio da humanidade.

## REFERÊNCIAS

- ABDI – AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. *Mapeamento da Base Industrial de Defesa*, Brasília, 2016. Disponível em: [http://www.abdi.com.br/Estudo/BID\\_13.06\\_baixa%20resoluc%CC%A7a%CC%83o.pdf](http://www.abdi.com.br/Estudo/BID_13.06_baixa%20resoluc%CC%A7a%CC%83o.pdf). Acesso em: 27 abr. 2017.
- ANDREW, M. *Proxy Warfare and the Future of Conflict*, The RUSI Journal, 158:2, 40-46, 2013. Disponível em: < <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03071847.2013.787733> >. Acesso em: 28 abr. 2017.
- ANISTIA INTERNACIONAL. *Apelo às potências mundiais para que apoiem um tratado de comércio de armas mais robusto*. 2016. Disponível em: <<https://anistia.org.br/noticias/apelo-potencias-mundiais-para-que-apoiem-um-tratado-de-comercio-de-armas-mais-robusto/>>. Acesso em: 05 de Julho de 2016.
- ARON, R. *Paz e Guerra Entre as Nações*. Brasília, Editora UNB, 2002
- ANISTIA INTERNACIONAL, *Histórico Tratado sobre o Comércio de Armas entrou em vigor!*, 2014. Disponível em: <<https://anistia.org.br/conheca-a-anistia/atuacao/assinado-tratado-sobre-comercio-de-armas/>>. Acesso em: 22 abr. 2016
- ANISTIA INTERNACIONAL. *O Apelo as potências mundiais para que apoiem um tratado de comércio de armas mais robusto*. 2013. Disponível em: <<https://anistia.org.br/noticias/apelo-potencias-mundiais-para-que-apoiem-um-tratado-de-comercio-de-armas-mais-robusto/>>. Acesso em: 16 set. 2016.
- AMNESTY INTERNATIONAL. *Arms Control*. 2016. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/what-we-do/arms-control/> Acesso em: 28 abr. 2017.
- BULL, H. *The Control of the Arms Race: Disarmament and Arms Control in the Missile Age*. (Studies in International Security, II.) Pp. 215. New York: Frederick A. Praeger for the Institute for Strategic Studies, 1961.
- BAUMBACH, M. *Sanções do Conselho de Segurança: Direito Internacional e prática brasileira* Marcelo Baumbach. Brasília: Funag, 2014.
- BARATA, M.J. A oposição Sunismo/Xiismo enquanto fonte de tensão e conflito no Médio Oriente. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Julho de 2007. Coimbra Disponível em: < <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/245/1/A%20Oposi%C3%A7%C3%A3o%20Sunismo-Xiismo%20enquanto....pdf> > Acesso em 14 Ago. 2017.
- BECKER, J. *O Tratado de Versalhes*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, 224p.
- COMITE INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. *Munições Cluster: O que são e qual é o problema?*. Disponível: < <https://www.icrc.org/por/resources/documents/legal-factsheet/cluster-munitions-factsheet-230710.htm> > Acesso em: 27 Abr. 2017.

CAMBRIDGE DICTIONARY. *Proxy War*. Disponível: <<http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/proxy-war>>. Acesso em: 27 Abr. 2017

DE GROOF, M. *Arms Transfers to The Syrian Arab Republic – Practice and Legality*. Bruxelas: Groupe de recherche et d'information - GRIP, 2013. Disponível em: <[http://www.grip.org/sites/grip.org/files/RAPPORTS/2013/Rapport\\_2013-9.pdf](http://www.grip.org/sites/grip.org/files/RAPPORTS/2013/Rapport_2013-9.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2016.

DUARTE, S. *Principais Instrumentos Internacionais no Campo do Desarmamento e Controle de Armamentos - O Papel das Nações Unidas*. In: ANUÁRIO BRASILEIRO DE DIREITO INTERNACIONAL, 3., v.1, n.1, 2008 - Belo Horizonte: CEDIN, 2008. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br:8080/portal/sites/default/files/anexos/31967-37439-1-PB.pdf>> Acesso em: 12 abr. 2016

DUGIN, Aleksandr. *Eurasian Mission: An Introduction to Neo-Eurasianism*. Arktos Media. 2014.

EUA, Departamento de Estado. *Um esboço da História Americana*, 1. ed. Washington,: Escritórios de Assuntos Públicos, 2012.

ESTADOS UNIDOS. Constituição (1788). *Constituição dos Estados Unidos da América*. 1788.

FAY, C.M. *A questão do petróleo e suas implicações na Guerra do Iraque*. Indic. Econ. FEE, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 59-74, jun. 2003.

FERREIRA, M. A. H. *A Normativa Internacional de Desarmamento e Controle de Armas: uma visão atual*. 2011. 67 f. Monografia - ESG, Rio de Janeiro.

FUJJI, W. *O ESTADO ISLÂMICO E O XADREZ GEOPOLÍTICO DOS CONFLITOS NA SÍRIA E NO IRAQUE*. In: Semana de Ciência política, 3., 2015, São Carlos. Anais Eletrônicos. Acesso em: 27 Abr. 2017.

FUSER, I. *O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico (1945-2003)*. 2005. 329 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais “Santiago Dantas”), Unesp, PUC –SP e Unicamp. São Paulo – SP.

FURTADO, G. *A Guerra Civil Síria, o Oriente Médio e o Sistema Internacional*. Serie Conflitos Internacionais, Marília, v. 1, n. 6, dez. 2014. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/a-guerra-civil-siria.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2016.

GARCIA, D. *Contestação de Normas e Ameaça à Paz e à Segurança Regional e Internacional: A Facilidade Excessiva de Acesso as armas*. CONTEXTO INTERNACIONAL – vol. 33, n. 2, julho/dezembro 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cint/v33n2/a08v33n2.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

GLASER. C. L. *The Security Dilemma Revisited*. World Politics, Vol. 50, No. 1, Fiftieth Anniversary Special Issue (Oct., 1997) 1998, pp. 171-201

HERZ, J. H. *Idealist Internationalism and the Security Dilemma*. World Politics, Vol. 2, No. 2 (Jan., 1950), pp. 157-180, 1950.

JACKSON, R.H. *Introdução as Relações Internacionais: teorias e abordagens/ Tradução*, Barbara Duarte, Rio de Janeiro : Editora Jorge Zahar, 2007.

JORDÃO, R. *Quem são os maiores fabricantes de armas do mundo?*. 2008. Disponível em: <<https://rogeriojordao.wordpress.com/2010/04/15/quem-sao-os-maiores-fabricantes-de-armas-do-mundo/>>. Acesso em: 14 set. 2016.

LARSEN, J.A. *Arms Control: Cooperative Security in a Changing Environment*. Boulder, CO/USA: Lynne Rienner, 2002.

MARTINS, E. C. *Direito Internacional e Segurança Pública: A Questão do Tráfico Internacional de Armas*. Ed. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2011.

MEARSHEIMER, J.J. *The Tragedy of Great Powers Politics*. New York – London; Norton Company, 2001.

MEARSHEIMER, J.J. *The False Promise of International Institutions*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995

MELO, Z.F. A produção, o comércio de armas e os gastos militares, São Paulo, 2007 Disponível em: <http://pcb.org.br/portal/precongresso/aproducaoocomercio.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016

MIRA, J. C. *O Controlo de Exportações de Armamentos como Meio de Prevenção de Conflitos Armados*. Nação e Defesa, Lisboa, v. 5, n. 129, p. 237-262, 2011.

MORAES, R.F. *Missões de Paz e Comércio de Paz e Comércio de Armas: Governança e “Desgovernança” Internacional na Gestão de Conflitos*. IPEA, n. 7, Jul./Set. 2011. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4574/1/BEPI\\_n7\\_missoes.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4574/1/BEPI_n7_missoes.pdf). Acesso em: 9 de Jan. 2017.

NAIM, M. *Ilícito: o ataque da pirataria, da lavagem de dinheiro e do tráfico à economia global/ tradução Sergio Lopes*. – Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

NATO. *Arms control, disarmament and non-proliferation in NATO*. 2016. Disponível em: [http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_48895.htm](http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_48895.htm)

NOGUEIRA, N. A Geopolítica das Armas. 2013. Disponível em: <https://necint.wordpress.com/2013/03/18/a-geopolitica-das-armas/>. Acesso em: 16 mar. 2016

NYE, J.S. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Editora Gente, 2009.

ONU, *Carta das Nações Unidas: Artigo 26*, São Francisco, 1945.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Tratado de Comércio de Armas*: Nova York. 2013.

OXFAM. *Shooting Down the MDGs*, Oxfam Briefing Paper, London, October 2008.

PORTER, T. *Russia Legalises Guns for Self Defence with Murder Rates Among Highest in World*. 2014. Disponível em: <http://www.ibtimes.co.uk/russia-legalises-guns-self-defence-murder-rates-among-highest-world-1475681>. Acesso em: 08 jun. 2017.

PECEQUILO, C. S. *Introdução às Relações Internacionais: Temas, atores e visões*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

RINALDI, A.L.; MORINI, C. *Estados e Organismos Internacionais: Limites à Cooperação sob a Ótica Realista*. Brazilian Journal of International Relations, Marília, v. 4, n. 3, p. 516-557, set/dez. 2015.

ROBINSON, G. *Syria's Long Civil War*. Current History. 2012. Disponível em: [http://www.history.ubc.ca/sites/default/files/documents/readings/robinson\\_syrias\\_long\\_civil\\_war\\_2012.pdf](http://www.history.ubc.ca/sites/default/files/documents/readings/robinson_syrias_long_civil_war_2012.pdf). Acesso em: 16 mar. 2016.

SAINT-PIERRE, H.L. *Segurança e defesa Nacional: da competição À cooperação Regional* organizador Elliezer Rizzo de Oliveira, São Paulo. Fundação Memorial América Latina, 2007.

SALIBA, M.R.O. *O Terrorismo Combatido com Terror. A guerra no Afeganistão e seu reflexo nas políticas internacionais*. Revista Eletrônica de Direito Internacional, vol. 5, 2009, pp. 387-416. Disponível em: <http://www.cedin.com.br/revistaeletronica/volume5/>. Acesso: 16 mai 2016.

SANTOS, E.E.S. *A Geopolítica do Médio Oriente*. Revista Militar, Lisboa, n. 2488 – maio, 2009. Disponível em: <https://www.revistamilitar.pt/artigopdf/474>. Acesso em: 22 jan. 2017.

SANTORO, M. *Comércio Internacional de Armas: os limites da defesa e dos riscos*, São Leopoldo, 2012

SIPRI. SIPRI Arms Transfers Database – Methodology. *Types of weapons*. Stockholm Peace research. 2016 Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/armstransfers/background#trade-registers>. Acesso em: 18 set. 2016.

SIPRI, *Trends in International Arms Transfers*. SIPRI Fact Sheet. Stockholm Peace research. 2015. Disponível em: <http://books.sipri.org/files/FS/SIPRIFS1602.pdf>. Acesso em: 18 set. 2016.

SEITENFUS, R.A.S. *Manual das organizações internacionais*. 5. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008.

SELIM, G. M. *Global and regional approaches to arms control in the Middle East : a critical assessment from the Arab world*. Port Said: Springer Heidelberg, 2013.

SIPRI. International arms transfers. 2016. Disponível em: <https://www.sipri.org/research/armament-and-disarmament/arms-transfers-and-military-spending/international-arms-transfers>. Acesso em: 25 abr 2016.

SOUSA, F. *Dicionário de Relações Internacionais*. Porto: CEPESSE, 2005. 264P

UNODA – *United Nations Office for Disarmament Affairs*. Disponível em: <https://www.un.org/disarmament/institutions/disarmament-commission/> Acesso em: 23 set. 2016.

ZAHREDDINE, D. *A Crise na Síria (2011-2013): Uma Análise Multifatorial*. Conjuntura Austral, Porto Alegre, v. 4, n. 20, out./nov., 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387>. Acesso em: 18 set. 2016.

WALTZ, K. N. *Teoria das Relações Internacionais*. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 2011. 342 p. Il. (Trajectos; 50).

WILLIAMS, P. D. *Security Studies: an introduction*. London/ New York: Routledge. 2008.